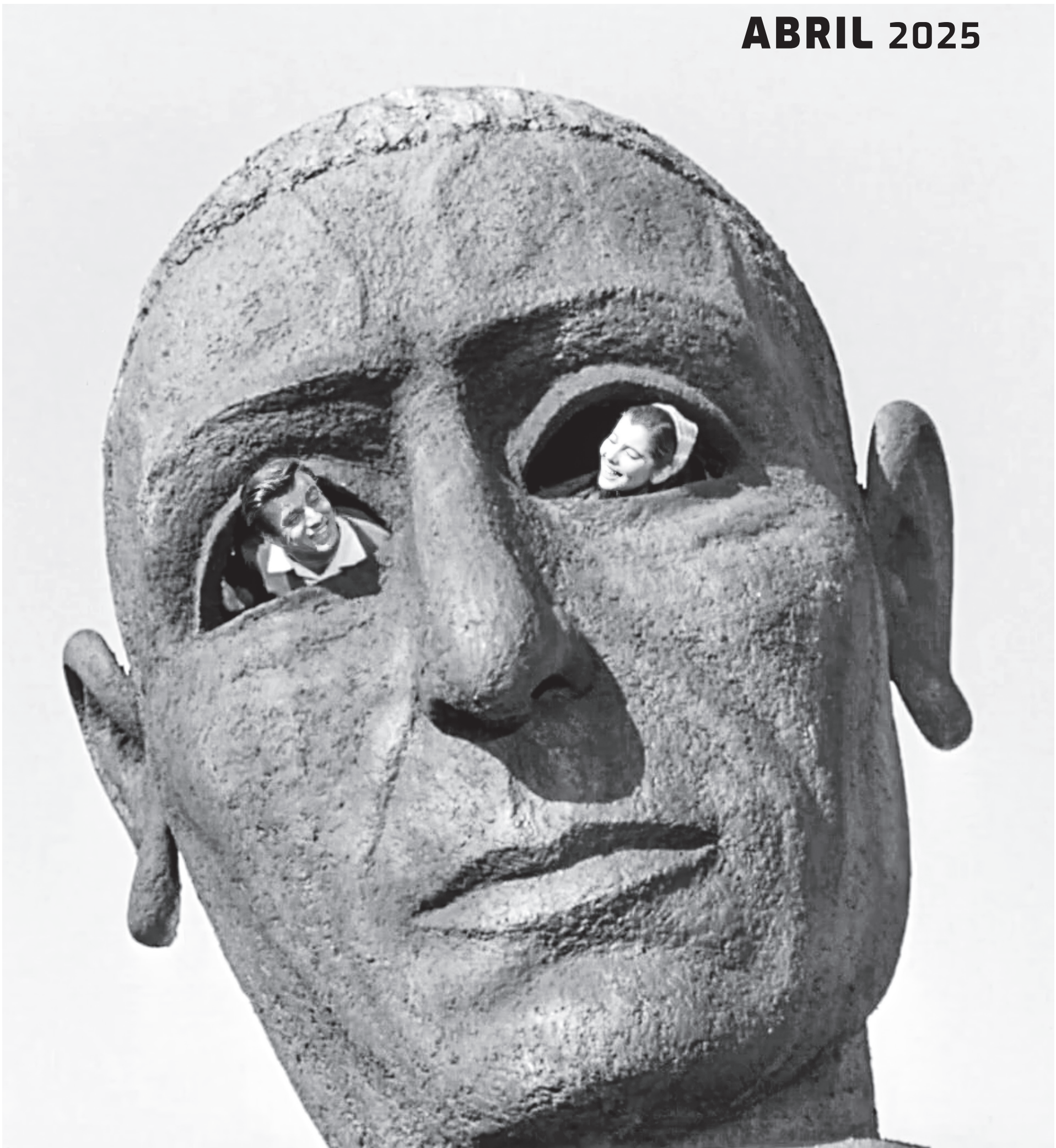


cinemateca

ABRIL 2025



**ANTONIO PIETRANGELI, ESSE DESCONHECIDO
PORTUGAL 1974 – UM SÍTIO QUE NÃO EXISTE,
UM TEMPO QUE VERDADEIRAMENTE EXISTIU
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA
HISTÓRIAS DO CINEMA:
VITTORIO DE SETA/FEDERICO ROSSIN**

CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM FAMÍLIA

Em abril, a Cinemateca Júnior vai ao baú dos clássicos repescar dois filmes de aventuras para os mais novos perceberem que filmes antigos não são filmes só para os avós e muito menos filmes chatos. O realizador em foco de fevereiro a junho na Cinemateca é o prolífico Michael Curtiz, autor do lendário CASABLANCA e dele são também os filmes de aventuras que propomos à miudagem: AS AVENTURAS DE ROBIN DOS BOSQUES e O GAVIÃO DOS MARES. Duas excelentes oportunidades para conhecerem Errol Flynn, o herói de rapazes e raparigas de outros tempos, no papel de dois respeitáveis fora-da-lei. Fechamos o mês em festa com o ânimo revolucionário do 25 de Abril e a sessão oficial de encerramento do programa FILMSCHOOL. LÚCIA E CONCEIÇÃO, de Fernando Matos Silva, realizado nos alvares da revolução, e a fantasia de ardina de Ferreira de Castro, ESTÁTUAS DE PORTUGAL, são os ingredientes fílmicos duma sessão apresentada pelos alunos do Instituto para o Desenvolvimento Social e acompanhada ao vivo pela *Big Band* da Escola Profissional da Metropolitana, que musicou o filme mudo de Ferreira de Castro.

▶ Sábado [05] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE ADVENTURES OF ROBIN HOOD

As Aventuras de Robin dos Bosques

de Michael Curtiz, William Keighley
com Errol Flynn, Olivia de Havilland,
Claude Rains, Basil Rathbone

Estados Unidos, 1938 – 102 min
legendado eletronicamente em português | M/12

O definitivo Robin dos Bosques com Errol Flynn (num dos seus melhores papéis) no modelo perfeito para o herói, como Olivia de Havilland é para Lady Marian. Claude Rains é o ganancioso príncipe John e Basil Rathbone é o “mau da fita” no papel de Xerife de Nottingham que persegue Robin Hood e os seus amigos pela floresta de Sherwood. Um dos melhores filmes de aventuras de sempre. Uma festa, na apreciação entusiasmada de Manuel Cintra Ferreira: “[...] trata] da luta contra as ambições de um ditador como os que nos anos 1930 se espalhavam pela Europa, imagem que se reproduz do personagem do príncipe John. Robin organiza a resistência, mais do que uma luta de libertação à escala geral, e aqui aproxima-se da versão de Dwan [ROBIN HOOD, 1922]. Sherwood é uma “zona libertada” onde têm abrigo os perseguidos pelo regime.” A apresentar em cópia digital.

Sessão Descontraída

A sessão decorre numa atmosfera acolhedora, com regras mais flexíveis no que diz respeito ao movimento e ao ruído dos espectadores, e pode implicar pequenos ajustes na iluminação e no som, bem como no acolhimento do público, para melhor se adaptar às suas necessidades. Com a consultoria da associação Acesso Cultura.

▶ Sábado [12] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE SEA HAWK

O Gavião dos Mares

de Michael Curtiz
com Errol Flynn, Brenda Marshall, Claude Rains,
Donald Crisp, Henry Daniell, Flora Robson

Estados Unidos, 1940 – 125 min
legendado eletronicamente em português | M/12

O mais famoso *swashbuckler* interpretado por Errol Flynn, desta vez sem Olivia de Havilland, o seu par tradicional. Mais ou menos inspirado na figura de Sir Francis Drake, corsário ao serviço de Isabel de Inglaterra na luta contra

o domínio espanhol nos mares, THE SEA HAWK é um dos mais espetaculares filmes de aventuras com momentos inesquecíveis: a travessia dos pântanos, a captura dos corsários, a sua evasão das galeras e o fabuloso duelo entre Flynn e Henry Daniell (o insinuante e reptilíneo vilão) ao longo das salas do palácio com as gigantescas sombras que se projetam sobre as paredes. A apresentar em cópia digital.

FILMSCHOOL:

modos de ver, atuar e prosseguir

Ao longo de quatro meses, a Cinemateca Júnior desenvolveu o projeto FILMSCHOOL, no âmbito do programa de cooperação bilateral do Mecanismo Financeiro Europeu EEAGrants 2020-2024. Foram meses de intensa colaboração interna, e em diálogo com as comunidades escolares do Instituto para o Desenvolvimento Social e a Escola Profissional da Metropolitana, através de ateliers, visitas de estudo, formação em contexto pedagógico e informal, envolvendo mais de 100 alunos, as equipas de professores residentes e convidados, os diferentes departamentos da Cinemateca Portuguesa e os colegas da Cinemateca de Oslo. Terminamos este projeto com dois momentos públicos. No dia 26 de abril, reunimos as duas escolas para uma sessão onde recuperamos as ambições e o confronto com a realidade no pós-revolução, através do episódio LÚCIA E CONCEIÇÃO, realizado para a RTP por Fernando Matos Silva em 1974, e integrado na pioneira e desassomburada série *Nome Mulher*, de Maria Antónia Palla e Antónia de Sousa, onde duas jovens raparigas da ilha de São Miguel falam de sonhos, realidade e os romances de Corín Tellado como hipóteses de revolução social, emocional e cultural. O filme foi trabalhado pelos alunos do 11º ano dos cursos de Mediação Intercultural e Técnicos de Assuntos Jurídicos do Instituto para o Desenvolvimento Social, que o apresentarão. Depois, cabe à *Big Band* da Escola Profissional, composta por alunos dos três anos de ensino secundário, estrear a partitura que compuseram

e ensaiaram para um filme realizado pelo escritor Ferreira de Castro, quando a realidade da crise económica de 1929 chegava a Portugal, e o regime caminhava da ditadura militar para o Estado Novo. ESTÁTUAS DE PORTUGAL é, ao mesmo tempo, uma publicidade, uma sinfonia urbana, a demonstração da modernização da imprensa, uma história de amor, e uma fábula onde não faltam as *girls* do Teatro Maria Vitória, então epicentro da resistência social. A partir de 24 de abril, ficará disponível na RTP Play, a gravação de um episódio especial do programa CINEMAX, dedicado ao FILMSCHOOL, que inclui estes dois filmes, uma conversa com os alunos e a estreia da gravação da nova banda sonora para ESTÁTUAS DE PORTUGAL.

No dia 30 de abril, o dia é de reflexão, com um conjunto de encontros onde juntamos investigadores, profissionais, alunos, professores, mediadores e programadores para um ponto de situação sobre como fazer do cinema uma ferramenta pedagógica. A partir de experiências no terreno, em contexto de festivais e salas de exibição, olhamos para a continuidade e falamos de projetos em contra-relógio, contrapondo metodologias e pedagogias para a promoção da literacia fílmica. De entrada livre, a partir das 10h00, este encontro tem por objetivo alertar, lançar pistas e criar um espaço para fazer do cinema e da educação, em todos os níveis, sinónimos e cúmplices, e será aberto pelo Professor João Costa, Diretor da Agência Europeia para as Necessidades Especiais e Educação Inclusiva. O programa completo ficará disponível na página da Cinemateca.

▶ Sábado [26] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

SESSÃO FILMSCHOOL

LÚCIA E CONCEIÇÃO

(série da RTP “Ver e Pensar”)

de Cinequipa

Portugal, 1974 – 30 min

ESTÁTUAS DE PORTUGAL

de Ferreira de Castro

Portugal, 1931 – 21 min / mudo

Duração total da projeção: 51 min | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO E SEGUIDA DE CONVERSA

LÚCIA E CONCEIÇÃO é um episódio sobre o trabalho de crianças e jovens nas plantações de chá da ilha de São Miguel, numa série originalmente emitida na RTP entre 1974 e 1976, sobre temas sociais, políticos, históricos e culturais, com uma abordagem vocacionada para o público juvenil. Já ESTÁTUAS DE PORTUGAL é um filme promocional, em estilo vanguardista, do concurso “Estátuas de Portugal”, organizado pelo jornal *O Século*. A realização coube ao escritor, e então redator d’*O Século*, Ferreira de Castro. Quarta e última sessão oficial do programa de literacia fílmica FILMSCHOOL para futuros programadores e mediadores culturais e para quem gosta de viajar com o olhar e estabelecer pontes entre filmes. Dois filmes muito diferentes num diálogo de contrastes. Cinema militante do pós-25 de Abril e cinema promocional mudo em registo fantasista, acompanhado ao vivo pela *Big Band* da Escola Profissional da Metropolitana. Apresentação e conversa mediada pelos alunos do Instituto para o Desenvolvimento Social.

▶ Quarta-feira [30] 10h / 18h | Sala M. Félix Ribeiro

ENCONTRO FILMSCHOOL

ENTRADA LIVRE
MEDIANTE LEVANTAMENTO DE INGRESSO
NA BILHETEIRA DA CINEMATECA NO PRÓPRIO DIA

▶ CAPA

NATA DI MARZO de Antonio Pietrangeli [Itália, 1958]

▶ ÍNDICE

CINEMATECA JÚNIOR	02
ANTONIO PIETRANGELI, ESSE DESCONHECIDO	03
PORTUGAL 1974 – UM SÍTIO QUE NÃO EXISTE, UM TEMPO QUE VERDADEIRAMENTE EXISTIU	05
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ (PARTE III)	07
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA (II)	09
HISTÓRIAS DO CINEMA: VITTORIO DE SETA / FEDERICO ROSSIN	12
IN MEMORIAM MARIA JOSÉ BRANCO (1951-2025)	13
50+1	14
COM A LINHA DE SOMBRA	14
ANTE-ESTREIAS	14
CALENÁRIO	15/16

▶ AGRADECIMENTOS

Peter Fudakowski, Bernard Bloch, Philippe Costantini, Anna Glogowski, Sérgio Tréfaut, Hugo Vieira da Silva, Nikolaus Wostry, Magomed Lualew (Austrian Film Archive); Hannah Prouse, Richard Hillard (British Film Institute); Carmen Accaputo (Cineteca di Bologna); Markus Wessolowski (Deutsches Filminstitut); Olivia Buning (Eye Institute – Amsterdão); Ana Gallego (Filmoteca Española); Marcello Alajmo (CRICD- Filmoteca Assessorato Beni Culturali-Regioni Siciliana); Francisco Cordero Matienzo (ICAIC – Havana); Monica Martinez Orihuela (Instituto Mexicano de Cinematografía); Lynanne Schweighofer, Andrew Withmore (Library of Congress); Maria Coletti (Cineteca Nazionale); Hugo Aragão Lopes, Pedro P. Santos (RTP); Kajsa Hedström (Swedish Film Institute); Todd Wiener, Steven Hill (UCLA); Frank Thompson, David Pierce, Anabela Galhardo Couto, Teresa Joaquim, Svetlana Ganeva, Antonieta Ferreira, Filomena Gonçalves, Maria Mineiro, Miguel Honrado, Paulo Branco

ANTONIO PIETRANGELI, ESSE DESCONHECIDO

em colaboração com a 18ª Festa do Cinema Italiano



ADUA E LE COMPAGNE



IL MAGNIFICO CORNUTO

O imenso prestígio dos grandes cineastas italianos que surgiram ou se impuseram no período que se seguiu à Segunda Guerra Mundial (Rossellini, Visconti, Fellini, Antonioni) pôs um pouco à sombra o nome de vários realizadores de valor, entre os quais Antonio Pietrangeli (1919–68). Uma prova disso é que o primeiro livro dedicado ao seu trabalho só foi publicado em 1987, quase vinte anos depois da sua morte. No entanto, como observou o crítico Antonio Maraldi, “não se trata de um daqueles realizadores que devem ser reavaliados devido a algumas virtudes artesanais, mas de um autor”. O seu trajeto pessoal espelha o percurso do cinema italiano do período que vai de inícios dos anos 50 a meados dos 60. Nascido em Roma, Pietrangeli iniciou em julho de 1940 a atividade de crítico no diário *Il Lavoro Fascista*, passando no ano seguinte a escrever na prestigiosa *Bianco e Nero*, onde participa na batalha por uma “renovação realista” do cinema italiano. Entre 1942 e a sua estreia na realização nove anos depois, colaborou na redação do argumento de diversos filmes, entre outros, de Luchino Visconti, Alessandro Blasetti, Pietro Germi, Alberto Lattuada e Roberto Rossellini. Para voltarmos a citar Antonio Maraldi, o seu percurso de realizador tem início “na matriz neorrealista e levou-o, pelas suas escolhas estilísticas e temáticas, a ser uma das maiores personalidades da comédia à italiana. Paradoxalmente o seu filme de estreia, *IL SOLE NEGLI OCCHI*, de 1953, ajuda a encerrar um capítulo iniciado dez anos antes. Pietrangeli passa à realização precisamente no momento em que a ideia de cinema elaborada há tanto tempo entrava numa crise irreversível. O êxito naquele ano de *PÃO, AMOR E FANTASIA*, de Luigi Comencini, foi mais um sinal do impasse do modelo neorrealista e da conceção do cinema que o acompanha. A divergência que nascera no imediato pós-Guerra entre a experiência neorrealista e o cinema de consumo estava a exaurir-se devido ao desaparecimento de uma das partes em litígio. Um cinema concebido como uma síntese de pesquisa artística e elemento numa batalha político-cultural implicava a remoção da estrutura industrial, do produto inserido num ciclo de mercado. Resultou vitorioso deste confronto o cinema que se formara como produto comercial de espetáculo, construído em função de um público específico”. Acrescenta-se que à medida que a Itália era reconstruída e se tornava próspera (falava-se em *boom* e em “milagre económico”), o neorrealismo passara a espelhar cada vez menos a realidade social, precisamente aquilo que o fizera nascer, em oposição ao cinema italiano dos anos 30, muitas vezes de excelente qualidade, porém sem arestas e certamente pouco “realista” em relação às realidades sociais. Na primeira metade dos anos 50, para recuperar largas fatias do público atraído pelo cinema americano que invadia o mercado, surge, observa Paolo Bertetto, “um cinema médio, enxertado na realidade social, que não rompe de modo algum com o passado, mas recompõe estruturas e modelos”. É então que se consolidam e são atualizados géneros tradicionais, como o melodrama, em que sobressaiu Raffaello Matarazzo, e a comédia, de que Pietrangeli foi um nome central. Uma das características das suas comédias, a importância de personagens femininas independentes, longe de um contexto camponês e patriarcal é, na verdade, típica de toda a comédia italiana dos anos 50, mas o interesse pelas personagens femininas será levado mais longe por ele do que por outros ilustres autores de comédias italianas no período, como Mario Monicelli, Dino Risi e Luigi Comencini, e é um dos elementos que define a sua obra. Pietrangeli morreu acidentalmente, por afogamento, durante a rotação de *COME, QUANDO, PERCHÉ*, que foi completado por Valerio Zurlini. Os seus filmes, solidamente estruturados, reúnem elementos dramáticos e irónicos, nunca se limitam a um simples jogo cómico e amadurecem à medida que a sua obra progride, como poderão constatar os espectadores da Cinemateca.

- ▶ Terça-feira [01] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [09] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

IL SOLE NEGLI OCCHI

de Antonio Pietrangeli

com Irene Galter, Gabriele Ferzetti, Paolo Stoppa

Itália, 1953 – 100 min / legendado eletronicamente em português | M/12

SESSÃO DE DIA 01 COM APRESENTAÇÃO

Este foi o filme de estreia de Pietrangeli como realizador, depois de onze anos de trabalho como co-argumentista em mais de vinte filmes. História de uma aldeã que vem para Roma, onde trabalha como criada e engravida, *IL SOLE NEGLI OCCHI* é considerado um exemplo tardio no neorrealismo, do qual o realizador não tardaria a afastar-se. Pietrangeli declarou à época que “perguntam-me sempre qual é a ‘tese’ do meu filme e o que quis eu demonstrar. Não quis demonstrar absolutamente nada. Quis apenas contar os vícios e virtudes de uma humanidade simples, primitiva e ingênua que se vê subitamente às voltas com a humanidade mais complexa, astuta e apressada que vive nas cidades”. À época, Gian Luigi Rondi foi da opinião que “não é difícil ver neste primeiro filme de Pietrangeli como realizador toda a segurança e a autoridade que caracterizam a maturidade”. A apresentar em cópia digital.

- ▶ Terça-feira [01] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

AMORI DI MEZZO SECOLO

de Antonio Pietrangeli, Glauco Pellegrini, Pietro Germi,

Mario Chiari, Roberto Rossellini, Vinicio Marinucci

com Carlo Campanini, Lea Padovani, Andrea Checchi

Itália, 1954 – 100 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um filme em episódios sobre amores infelizes no qual Pietrangeli realizou o penúltimo, *GIRANDOLA 1910*, que traz uma nota cómica ao conjunto da narrativa. Um homem sente-se mal durante um encontro com a amante e consulta o seu médico, que aconselha que diminua o ritmo dos seus encontros amorosos, mas o homem promete-lhe uma condecoração, em troca do médico aconselhar repouso absoluto à sua esposa, para que ele possa ver a amante em paz. O filme não foi muito bem recebido à época pela crítica italiana, mas Antonio Maraldi considera-o “um conto brilhante, que nada tem de vulgar e pode ser visto como uma espécie de homenagem ao Max Ophüls de *LA RONDE*, um carrossel amoroso à Feydeau”. Primeira exibição na Cinemateca, com exceção do episódio *NAPOLI 43*, de Rossellini. A apresentar em cópia digital.

- ▶ Quarta-feira [02] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [08] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LO SCAPOLO

O Solteirão

de Antonio Pietrangeli

com Alberto Sordi, Sandra Milo, Fernando Fernán Gómez

Itália, 1955 – 90 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Segunda longa-metragem de Pietrangeli, LO SCAPOLO assinala o seu afastamento definitivo dos preceitos neorrealistas e marca a sua passagem para a comédia, assim como o seu encontro profissional com Alberto Sordi, que se tornara um dos atores mais populares de Itália. O protagonista é um solteirão convicto que vai viver numa pensão, onde uma jovem se apaixona por ele, para grande satisfação da sua mãe. O resultado é extremamente divertido, com um argumento cheio de surpresas e uma das melhores interpretações de Sordi neste período, que talvez seja o mais rico da sua carreira. Primeira exibição na Cinemateca. A apresentar em cópia digital.

- ▶ Quarta-feira [02] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [08] 19h30 | Sala Luís de Pina

SOUVENIR D'ITALIE

Aconteceu em Itália

de Antonio Pietrangeli

com June Laverick, Vittorio De Sica, Alberto Sordi, Dario Fo

Itália, 1957 – 100 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Depois do enorme êxito comercial de LO SCAPOLO, Pietrangeli foi convidado a realizar SOUVENIR D'ITALIE, em cujo argumento colaborou, assim como Dario Fo, que também tem um pequeno papel. Três jovens estrangeiras visitam Itália à boleia, de Veneza a Roma, com parêntesis sentimentais. À época, alguns críticos acusaram Pietrangeli de ter aderido completamente ao cinema comercial com este filme, mas SOUVENIR D'ITALIE, cujo título é evidentemente irónico, foi reabilitado em tempos recentes. O crítico Stefano Anselmi observou que “o elemento cómico fundamental do filme baseia-se no encontro-desencontro, nesta Itália de bilhete-postal, personificada por uma variada galeria masculina (com atores da comédia à italiana e do cinema ‘sério’) e um duplo elemento feminino e estrangeiro. A presença de um olhar ‘outro’ põe tudo sob outra luz e demonstra a ácida ironia do realizador”. Primeira exibição na Cinemateca. A apresentar em cópia digital.

- ▶ Quinta-feira [03] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [11] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

NATA DI MARZO

Nascida em Março

de Antonio Pietrangeli

com Jacqueline Sassard, Gabriele Ferzetti,

Franco Rossellini

Itália, 1958 – 109 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Com um argumento escrito pelo próprio Pietrangeli, este filme, o primeiro em que utiliza a figura do *flashback*, tem na opinião de Antonio Maraldi “algo da *sophisticated comedy*” do cinema clássico americano, na medida em que aborda uma situação conjugal que conhece uma reviravolta. Trata-se da história do casamento entre um homem maduro e uma mulher muito mais jovem, que acabam por se separar, antes da situação voltar a modificar-se. Mas como o cinema de Pietrangeli é complexo, “o seu olhar desconsolado sobre o jogo infernal da convivência está presente naquele que é considerado o seu filme por excelência sobre o casamento. A produção impôs um final feliz, mas Pietrangeli resistiu o quanto pôde, arrastando o desenlace para um jogo tensíssimo entre os protagonistas”, observou Piera Detassis num estudo sobre as mulheres no cinema de Pietrangeli. Primeira exibição na Cinemateca. A apresentar em cópia digital.

- ▶ Quinta-feira [03] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [04] 19h30 | Sala Luís de Pina

ADUA E LE COMPAGNE

de Antonio Pietrangeli

com Simone Signoret, Marcello Mastroianni,

Sandra Milo, Emmanuelle Riva

Itália, 1960 – 105 min / legendado eletronicamente em português | M/12

ADUA E LE COMPAGNE é um dos filmes mais marcantes do percurso de Pietrangeli e um daqueles em que as personagens femininas têm mais importância. Na sequência de uma lei que impôs o fecho das casas de prostituição, quatro amigas decidem continuar a exercer a profissão clandestinamente e, para tanto, abrem uma *trattoria* como “fachada”. Rapidamente percebem que este trabalho pode dar-lhes satisfação e bem-estar e cortam com o passado. Mas um proxeneta tenta obrigá-las a voltar à antiga profissão. Isto leva-as a destruir inteiramente o local, mas “esta destruição não abre nenhuma porta, apenas cria desorientação” (Neva Cerantola). A apresentar em cópia digital.

- ▶ Sexta-feira [04] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [10] 19h30 | Sala Luís de Pina

FANTASMI A ROMA

Fantasmas em Roma

de Antonio Pietrangeli

com Marcello Mastroianni, Sandra Milo, Vittorio Gassman

Itália, 1961 – 100 min / legendado eletronicamente em português | M/12

FANTASMI A ROMA é uma melancólica comédia sobre um palacete romano habitado pelos fantasmas dos seus antigos proprietários, mobilizados contra um jovem especulador imobiliário que pretende transformar o edifício num hotel. Quando o filme foi apresentado pela primeira vez na Cinemateca, Luís Miguel Oliveira assinalou que “Pietrangeli cria habilmente uma belíssima atmosfera, com fabulosas contribuições da fotografia de Giuseppe Rotunno – há planos e mesmo cenas inteiras cujo sentido nasce por completo dos efeitos de iluminação”, definindo-o ainda como “um filme que olha para os “novos tempos” com uma amargura que nunca chega a ser ‘reacionária’”. A apresentar em cópia digital.

- ▶ Sexta-feira [04] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [09] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LA PARMIGIANA

de Antonio Pietrangeli

com Catherine Spaak, Nino Manfredi, Salvo Randone

Itália, 1963 – 95 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Na obra de Pietrangeli, LA PARMIGIANA, história de uma jovem que busca a felicidade, mas não a encontra com nenhum dos homens que conhece, tem diversas semelhanças com IO LA CONOSCEVO BENE, que Pietrangeli realizaria dois anos depois. Ao ser convidado a transpor para o cinema um recém-publicado romance de Bruna Piatti, Pietrangeli sentiu-se “bastante seduzido pela possibilidade de fazer o retrato de uma mulher moderna”. A narrativa, cujo desenlace é amargo, é organizada em *flashbacks*. Pietrangeli lança um olhar sóbrio sobre uma mulher livre e Catherine Spaak, então com apenas dezoito anos, transmite com sutileza a mistura de fragilidade e força da protagonista. Primeira exibição na Cinemateca. A apresentar em cópia digital.

- ▶ Sábado [05] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [14] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LA VISITA

Anúncio de Casamento

de Antonio Pietrangeli

com Sandra Milo, François Périer, Mario Adorf

Itália, 1963 – 105 min / legendado eletronicamente em português | M/12

LA VISITA é o segundo capítulo do chamado “tríptico feminino” da obra de Pietrangeli (os outros dois são LA PARMIGIANA e IO LA CONOSCEVO BENE), mas a protagonista tem cerca de quinze anos a mais do que as personagens dos outros filmes. Baseado num argumento de Giuseppe De Santis, o filme conta-nos a relação epistolar de uma mulher que vive numa pequena cidade de província com um livreiro romano, que sonha com um casamento, até ao dia em que a encontra. Alberto Moravia, que à época considerou LA VISITA como o melhor filme de Pietrangeli, notou que este “percebeu que um filme inteiramente baseado no estudo de duas personalidades necessitava de dois atores que fossem realmente bons. Sandra Milo dá-nos uma interpretação ao mesmo tempo caprichosa e realista. François Périer, com o jogo da sua fisionomia, ao mesmo tempo mutável e controlada, não poderia ser melhor”. A apresentar em cópia digital.

- ▶ Segunda-feira [07] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [16] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

IL MAGNIFICO CORNUTO

A Eterna Dúvida

de Antonio Pietrangeli

com Ugo Tognazzi, Claudia Cardinale, Bernard Blier

Itália, 1964 – 125 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Uma comédia que um crítico definiu como “uma radiografia do ciúme” e um dos raros filmes de Pietrangeli em cujo centro está uma personagem masculina, brilhantemente encarnada por Ugo Tognazzi. A ação passa-se numa cidade de província e o protagonista, proprietário de uma fábrica de chapéus, é casado com uma mulher bela e jovem. O homem tem ciúmes delirantes, a tal ponto que ela decide fingir que tem um amante (como é evidente, ele próprio tem uma amante). Quando o marido percebe a situação, tranquiliza-se, mas é então que outro homem surge realmente na vida da mulher. Trata-se do primeiro filme de Pietrangeli adaptado de um texto teatral, *Le Cocu Magnifique*, de Fernand Crommelynck. A apresentar em cópia digital.

- ▶ Segunda-feira [07] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [22] 19h30 | Sala Luís de Pina

IO LA CONOSCEVO BENE

de Antonio Pietrangeli

com Stefania Sandrelli, Nino Manfredi,

Ugo Tognazzi, Mario Adorf

Itália, 1965 – 125 min / legendado eletronicamente em português | M/12

IO LA CONOSCEVO BENE, um dos filmes mais apreciados de Pietrangeli, conjuga o tema da juventude e um tom lúdico próximo da *Nouvelle Vague* com a “desdramatização” herdada do cinema de Antonioni e narra uma única história, fragmentada em episódios breves, como se o filme fosse construído sobre o princípio da associação de ideias. No centro de tudo está Stefania Sandrelli e a sua relação com diversos homens. “O filme não nasceu de improviso: percebe-se hoje, se olharmos para trás, que todos os outros retratos de mulher do cinema de Pietrangeli anunciavam a personagem de Adriana. Mas foi neste filme que a personagem feminina tal como a descreve Pietrangeli chegou à completa maturidade”, notou Giovanni Grazzini à época. A apresentar em cópia digital.

- ▶ Quinta-feira [10] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LE FATE

As Feiticeiras

de Antonio Pietrangeli, Luciano Salce,

Mario Monicelli, Mauro Bolognini

com Alberto Sordi, Capucine, Anthony Steel

Itália, 1966 – 120 min / legendado eletronicamente em português | M/12

LE FATE é um dos numerosos filmes em episódios feitos em Itália nos anos 60, reunindo diversos realizadores. Nomes da envergadura de Visconti, Fellini e Pasolini participaram neste tipo de filmes. Via de regra, embora os filmes tivessem um tema comum, cada realizador trabalhava do seu lado. O divertido episódio realizado por Pietrangeli, FATA MARTA, abre o filme. Alberto Sordi faz o papel de um empregado de mesa autista que vai servir numa grande festa organizada por uma condessa, a enigmática Capucine. Ao chegar à casa desta dá-se conta que já a conhecia. Numa situação que evoca Charles Chaplin, ela trata-o bem quando está bêbeda e como um criado quando está sóbria. Este divertimento foi o penúltimo trabalho de Pietrangeli. Primeira exibição na Cinemateca.



IO LA CONOSCEVO BENE

PORTUGAL 1974 – UM SÍTIO QUE NÃO EXISTE, UM TEMPO QUE VERDADEIRAMENTE EXISTIU

A formulação é de Robert Kramer, aplicada, no futuro dos hoje idos anos 1990, ao Portugal revolucionário dos anos 1970 pós-Abril. O país saía de quarenta e oito anos de treva ditatorial, enredado, desde 1961, numa guerra em Angola, Guiné-Bissau e Moçambique que “a metrópole” colonial chamava “do Ultramar” e os africanos nomeavam no plural pela independência dos povos, “de Libertação”. O cineasta americano foi um dos muitos estrangeiros a viajar para o país do extremo ocidental da Europa atraído pela “revolução dos cravos”, que seria fotografada e filmada desde os primeiros dias de liberdade. Logo no coletivo AS ARMAS E O POVO, rodado entre o 25 de abril e 1 de maio de 1974, pelas várias equipas portuguesas que se organizaram, são do brasileiro Glauber Rocha as vivas entrevistas de rua, a homens e mulheres, nas quais a montagem encontrou a estrutura do filme.

Era o tempo da muita energia, da muita alegria, da experiência coletiva, de uma ideia de comunidade a construir com militares, operários, camponeses, pescadores, intelectuais, artistas. O tempo da efervescência de que os protagonistas desses “olhares estrangeiros” falam como o de “um movimento revolucionário espantoso em que o exército empurrava um país para a esquerda” (Dominique Issermann), numa “situação de felicidade nacional”, “Portugal naquele momento era a materialização de um sonho” (Sebastião Salgado). “Era de uma liberdade imensa na cabeça das pessoas e na linguagem” (Lélia Salgado). “[Em Portugal] o ex-exército colonial português cometia um suicídio.” (Thomas Harlan) “Não era só uma classe de intelectuais revolucionários ou um grupo de radicais ou de profissionais liberais. Não era uma questão racial como nos EUA, o movimento negro ou latino.” “Eu vivi essa experiência como um investigador que descobrisse uma situação de pré-revolução ou coisa parecida.” (Robert Kramer) “Em Portugal aconteceu uma coisa nunca vista. Houve comissões de trabalhadores nos bancos, na imprensa, a ocupação do jornal *República*, da rádio. Era tudo novidade.” (Michel Lequenne) “Acordei como pessoa política. Pensei: O que é isto? Sonhei com isto a vida inteira e isto está a acontecer em Portugal.” (Pea Holmquist).

Todas as palavras dos fotógrafos, jornalistas, realizadores citados se encontram em OUTRO PAÍS de Sérgio Tréfaut, que procurou as imagens da revolução portuguesa nos arquivos internacionais para realizar um retrato inédito em 1999. Em 2025, este Ciclo organiza-se a partir da mesma ideia, cruzando “clássicos” da “filmografia de Abril”, muito e pouco vistos, com títulos inéditos, ainda que não seja possível apresentar filmes tão relevantes como os realizados no Alentejo por Pea Holmquist (que a televisão sueca não pôde ceder por questões de direitos, mas de que há fragmentos em OUTRO PAÍS).

O programa agrega imagens de Robert Kramer, Santiago Álvarez, Philippe Costantini e Anna Glogowski, Daniel Edinger e Michel Lequenne, Hristo Ganev, Bernard Bloch, Josette Lassaque e Manuela Barros, mas também Jean-Luc Godard e Anne-Marie Miéville, Delphine Seyrig (são do coletivo de mulheres Les Insoumuses as únicas imagens de 1974 pré-Abril do programa), Alberto Seixas Santos e Sérgio Tréfaut, além de material televisivo da RTP com Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir em Lisboa e no Porto em 1975. Destaca a ligação portuguesa de Robert Kramer: dele se apresentam as SCENES FROM THE CLASS STRUGGLE IN PORTUGAL (correalizado com Philip Spinelli); um título do coletivo Newsreel (ON THE SIDE OF THE PEOPLE); o filme de Seixas Santos de 1982 sobre os caminhos tomados pela revolução com Kramer no papel do jornalista (GESTOS & FRAGMENTOS); a sua última entrevista, dada a Sérgio Tréfaut para OUTRO PAÍS.

Projetados com frequência na Cinemateca, SCENES FROM THE CLASS STRUGGLE IN PORTUGAL e TORRE BELA, de Thomas Harlan, são as longas-metragens icônicas da militância pós-1974, formando um núcleo dessa filmografia com o português AS ARMAS E O POVO. Ainda a ser alvo de trabalhos de restauro pela Cinemateca e o Filmmuseum de Munique, TORRE BELA (um caso fílmico de versões variáveis em diferentes momentos desde a estreia de 1977 em Cannes) não está desta feita incluído no programa, prevendo-se a sua próxima apresentação no termo dessa empreitada.

A sessão de TERRA DE ABRIL, a apresentar com O SOL, A CHUVA E O DINHEIRO, assinala o lançamento da edição DVD da “trilogia” de filmes realizados em Portugal por Philippe Costantini, que com Anna Glogowski acompanhará a sessão (*ver entrada “Com a Linha de Sombra”*), tal como Sérgio Tréfaut no caso de OUTRO PAÍS. De Hristo Ganev, que esteve em Portugal com Binka Jeliaskova em 1974, TARSETE MA BUKYA P (“PROCUREM EM P”) é um dos títulos a apresentar pela primeira vez na Cinemateca, no caso, antecedendo a retrospectiva “Binka Jeliaskova: a luta é um murmúrio”, a decorrer em maio, com o Indielisboa e a presença na Cinemateca de Svetlana Ganeva, filha de ambos. Na sessão que evoca o caso da censura às escritoras das *Novas Cartas Portuguesas*, a repercussão do caso em França e a luta pela condição da mulher em Portugal, presta-se homenagem a Maria Teresa Horta (1937-2025), que em 2019, por ocasião de um Congresso Internacional dedicado à sua obra literária, participou, na Cinemateca, numa mesa-redonda à volta da sua relação com o cinema e o cineclubismo. Anabela Galhardo Couto e Teresa Joaquim, conhecedoras da obra de Maria Teresa Horta, acompanham a sessão para uma conversa final.

Contando com todas estas “pontes”, “Portugal 1974 – Um sítio que não existe, um tempo que verdadeiramente existiu” é o programa com que a Cinemateca celebra o espírito de Abril em articulação com a apresentação de SEMPRE de Luciana Fina, o filme-montagem que teve origem na instalação “Sempre: a Palavra, o Sonho e a Poesia na Rua”, comissariada e apresentada na Cinemateca para celebrar os 50 anos do 25 de Abril (*ver entrada “50+1”*). À semelhança de OUTRO PAÍS de Tréfaut, também aí ecoam “canções de Abril”, como a *Liberdade* de Sérgio Godinho – “Só há liberdade a sério quando houver a paz, o pão, habitação, saúde, educação. Só há liberdade a sério quando houver liberdade de mudar e decidir.”

▶ Terça-feira [22] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
▶ Quarta-feira [30] 19h30 | Sala Luís de Pina

EL MILAGRO DE LA TIERRA MORENA

de Santiago Álvarez
Cuba, 1975 – 21 min

COMMENT ÇA VA?

de Jean-Luc Godard, Anne Marie Miéville
França, 1975 – 78 min
duração total da projeção: 99 min / legendados eletronicamente em português | M/12

SESSÃO DE DIA 22 COM APRESENTAÇÃO

“Portugal, a última metrópole colonial do mundo e o país mais atrasado da Europa entrava numa nova e muito complexa etapa da sua história.” Ouve-se no *off* do noticiário latino-americano nº 663 mais conhecido como EL MILAGRO DE LA TIERRA MORENA (mostrado na Cinemateca em 1997). É um entre as centenas de títulos dos *Noticieros* produzidos pelo ICAIC e dirigidos por Santiago Álvarez num afluente revolucionário do seu cinema. COMMENT ÇA VA? é o Godard-Miéville que insiste em perguntas e, num dos passos, disseca uma imagem fotográfica e o texto que a acompanha referindo o 25 de Abril em Portugal. Do começo da produção do estúdio Sonimage, fundada pelos dois para a “fase vídeo” da filmografia conjunta, COMMENT ÇA VA? afirma-se como “um filme entre”, estruturado em duas linhas narrativas que trabalham uma narrativa de casal e o trabalho de produção de um jornal, do jornalismo, da informação (mostrado pela última vez na Cinemateca em 2011). A apresentar em cópias digitais.



JEAN-PAUL SARTRE E SIMONE DE BEAUVOIR EM LISBOA, NOTICIÁRIO NACIONAL 1975 | OUTRO PAÍS

EM HOMENAGEM A MARIA TERESA HORTA

▶ Quarta-feira [23] 19h30 | Sala Luís de Pina

LES TROIS PORTUGAISES

de Delphine Seyrig com a colaboração de Carole Roussopoulos, Ioana Wieder
França, 1974 – 29 min / legendado eletronicamente em português

ENTREVISTA ÀS “3 MARIAS”, NOTICIÁRIO NACIONAL 1974

produções da RTP – Rádio e Televisão de Portugal
Portugal, 1974 – 12 min

JEAN-PAUL SARTRE E SIMONE DE BEAUVOIR EM LISBOA, NOTICIÁRIO NACIONAL 1975

SIMONE DE BEAUVOIR ENTREVISTA NO PORTO, SÉRIE ENCONTRO 1975

produções da RTP – Rádio e Televisão de Portugal
Portugal, 1975 – 3 min, 23 min / legendados eletronicamente em português
duração total aproximada da projeção: 67 min | M/12

PROJEÇÃO SEGUIDA DE CONVERSA COM ANABELA GALHARDO COUTO E TERESA JOAQUIM

LES TROIS PORTUGAISES revisita o caso português de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, as “Três Marias” que arriscaram prisão por atentado aos bons costumes com a publicação, em 1972, das *Novas Cartas Portuguesas*, proibido pelo Estado Novo e motivo de um processo em tribunal. Refletindo o eco do caso em França (ações de solidariedade e divulgação em Paris, entre março de 1973 e setembro de 1974), o filme foi

realizado por Delphine Seyrig no quadro da produção inicial do coletivo Les Insoumuses (“as insubmusas”), formado nos anos 1970 com Carole Roussopoulos, Ioana Wieder e Nadja Ringart, quando a atriz-realizadora reconheceu no vídeo um espaço de liberdade e uma arma para o combate pelos direitos da mulher. A sessão prossegue com imagens de 1974 e 1975 pós-revolução dos arquivos da RTP, que registam uma entrevista às três autoras para transmissão no noticiário nacional, bem como a vinda a Portugal de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir no ano seguinte: os escritores franceses encontraram-se com personalidades do meio cultural em Lisboa e no Porto e foi no Norte que Beauvoir deu uma entrevista no feminino, à volta de questões de emancipação feminista, transmitida pela televisão portuguesa. A apresentar em cópias digitais. *A sessão presta homenagem à escritora e jornalista Maria Teresa Horta (1937-2025).*

► Quinta-feira [24] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

O SOL, A CHUVA E O DINHEIRO

de Philippe Costantini

Portugal, 1975 – 27 min

TERRA DE ABRIL

de Philippe Costantini, Anna Glogowski

França, 1977 – 90 min

duração total da projeção: 117 min | M/12

CONVERSA COM PHILIPPE COSTANTINI E ANNA GLOGOWSKI NO FINAL DA PROJEÇÃO

Philippe Costantini e Anna Glogowski foram dois dos muitos estrangeiros que filmaram em Portugal no pós-25 de Abril. Rodado no outono de 1975, O SOL, A CHUVA E O DINHEIRO é um trabalho de cariz etnográfico, autoapresentado como um “cinépoea” coletivo envolvendo os habitantes de Tourém (Montalegre). Para filmar TERRA DE ABRIL no mesmo norte transmontano, Costantini e Glogowski leram Jorge Dias e partiram para Vilar de Perdizes. Primeiro título da trilogia completada na década seguinte com LES COUSINS D’AMÉRIQUE e L’HORIZON DU VILLAGE, TERRA DE ABRIL acompanha os preparativos e a representação de um Auto da Paixão (a cor), intercalando-os com outros aspectos do quotidiano da povoação (a preto-e-branco). É também a crónica de uma aldeia com uma forte tradição emigratória em tempo de eleições. *A sessão assinala o lançamento da edição DVD da trilogia transmontana de Costantini, “Com a Linha de Sombra”.* A apresentar em cópias digitais.

► Sábado [26] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

OUTRO PAÍS

de Sérgio Tréfaut

Portugal, 1999 – 70 min / legendado em português

ENTREVISTA A ROBERT KRAMER

de Sérgio Tréfaut

Portugal, 2015 – 35 min / legendado eletronicamente em português

duração total da projeção: 105 min | M/12

CONVERSA COM SÉRGIO TRÉFAUT NO FINAL DA PROJEÇÃO

Em 1974-75, alguns dos maiores fotógrafos, jornalistas, cineastas vindos do Maio de 68, do Vietname, do Chile, desembarcaram em Portugal para recolher imagens, atraídos pelo “laboratório experimental” da Revolução Portuguesa. Glauber Rocha, Robert Kramer, Thomas Harlan, Pea Holmquist, Santiago Álvarez, Sebastião Salgado, Guy Le Querrec, Dominique Issermann, Jean Gaumy são alguns deles. Sérgio Tréfaut filmou-os na sua primeira longa-metragem, propondo uma nova perspetiva sobre as imagens de Abril tornadas arquivo de uma história que permanecia viva nos seus protagonistas. Em 2015, voltou aos brutos de OUTRO PAÍS e autonomizou a ENTREVISTA COM ROBERT KRAMER: esse depoimento de Kramer (1939-1999) foi a última entrevista filmada do cineasta norte-americano, que aí revela a sua militância política, a sua história com os movimentos revolucionários e a sua relação com Portugal. A apresentar em cópias digitais.



ENTREVISTA ÀS “3 MARIAS”, NOTICIÁRIO NACIONAL 1974



O SOL, A CHUVA E O DINHEIRO

► Sábado [26] 22h00 | Sala M. Félix Ribeiro

SCENES FROM THE CLASS STRUGGLE IN PORTUGAL

de Robert Kramer, Philip Spinelli

Estados Unidos, Portugal, 1976-78 – 96 min

versão em inglês legendada em português | M/12

A “luta de classes” em Portugal é mostrada em imagens captadas entre abril de 1974 e novembro de 1976 e orientadas por um comentário em off, com um prólogo e um epílogo acrescentados em 1978. Kramer considerou este filme como o ponto final do seu período americano. Com o passar dos anos, adquiriu perfeita consciência de que se tratava de uma obra datada, mas nunca a renegou e assim se manifestou numa carta de 1995: “Fico feliz por mostrarem este filme, pois tantos anos depois, é como dar notícias de um sítio que não existe, informações sobre um tempo que verdadeiramente existiu.” À época em Portugal, houve quem pensasse em ressuscitar a censura para proibir o filme. A Cinemateca preservou-o, em 2004, salvaguardando a existência da obra, agora digitalizada em alta-definição (formato em que é apresentado).

► Segunda-feira [28] 19h30 | Sala Luís de Pina

FIGHTING FOR WORKER'S POWER

de Newsreel Collective

Reino Unido, 1975 – 18 min

ON THE SIDE OF THE PEOPLE

de Newsreel Collective

Reino Unido, 1976 – 48 min

FATIMA PORTUGAL À GENOUX

de Bernard Bloch, Josette Lassaque, Manuela Barros

França, 1975 – 25 min

duração total da sessão: 91 min

legendados eletronicamente em português | M/12

Formado em 1974, o Newsreel Collective dedicou-se a filmar as vidas dos trabalhadores com intuitos de ação e debate político: “São basicamente sobre pessoas como nós, os fazedores, em luta por uma vida decente contra um sistema que a nega.” Sobre o caso português, FIGHTING FOR WORKERS’ POWER retrata o caso do jornal *República*, a ocupação da Rádio Renascença, o crescimento do poder popular em Portugal; ON THE SIDE OF THE PEOPLE detém-se na ocupação da Tinturaria Portuguesa, uma lavandaria no centro de Lisboa que passou a ser dirigida por mulheres. Uma delas verbaliza: “Não quero cá o patrão, não quero ser explorada! Sou muito mais feliz agora. Não o queremos cá.” Do mesmo ano (Grande Prémio da televisão francesa nos anos 1970, digitalizado em 2024), FATIMA PORTUGAL À GENOUX foi realizado em Super 8 mm, em maio de 1975, em Fátima. É o bizarro registo da peregrinação no santuário em que, nesse ano, os muitos populares católicos rezaram lado a lado com militares. A apresentar em cópias digitais e em 16 mm pela primeira vez na Cinemateca (FATIMA) e depois de uma única passagem em 1984 (ON THE SIDE OF THE PEOPLE) e em 2014 (FIGHTING FOR WORKERS’ POWER).

► Terça-feira [29] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

SETUBAL VILLE ROUGE

de Daniel Edinger, Michel Lequenne

França, 1976 – 93 min

legendado em francês e eletronicamente em português | M/12

Em outubro de 1975, ano do “Verão quente”, a cidade operária de Setúbal, a sul de Lisboa, é palco de plenários

de moradores, comissões de trabalhadores, cooperativas, soldados juntos num comité de luta em defesa da instauração do Poder Popular. Daniel Edinger e Michel Lequenne, realizador e jornalista-escritor, fazem o retrato de uma “cidade vermelha”, pensando na criação, em França de “Comités Portugal” de apoio à revolução portuguesa. “Um filme militante sobre o processo revolucionário dos anos 1970 em Portugal. Um retrato impressionante da profundidade do ‘processo revolucionário em curso’ (PREC) na classe operária e regra geral na sociedade portuguesa. E um belo testemunho do olhar de uma geração de militantes que se apaixonaram e comprometeram com esta experiência política” (Associação Memória Viva). A apresentar em vídeo, pela primeira vez na Cinemateca.

► Terça-feira [29] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

TARSETE MA BUKYA P

“Procurem em P”

de Hristo Ganev

Bulgária, 1975 – 56 min / legendado eletronicamente em português | M/12

COM A PRESENÇA DE SVETLANA GANEVA

“Uma ilha de 91,500 quilómetros quadrados” no sentido em que é um país separado do resto do mundo por uma única fronteira com a Espanha fascista, a leste, tendo a ocidente o oceano Atlântico. Assim é apresentado o Portugal de meados dos anos 1970 neste filme de produção búlgara realizado por Hristo Ganev em que as primeiras palavras em português são de Salgueiro Maia. Um retrato de dezembro de “um país-estância” cujas belas montanhas e praias é melhor visitar no verão marcado pelo seu passado de “país colonial” no presente em que atravessava um “processo revolucionário” de “aprendizagem democrática”. O filme de Hristo Ganev mostra essa realidade, aponta as tensões, faz escutar a guitarra portuguesa e a *Grândola Vila Morena* e outras “canções de Abril”. Primeira apresentação na Cinemateca numa cópia resultante da digitalização da obra em 2021. LOOK IT UP UNDER P, diz o título internacional aludindo ao “P” de “Portugal”. A apresentar em digital, pela primeira vez na Cinemateca.

► Quarta-feira [30] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

GESTOS & FRAGMENTOS: ENSAIO SOBRE OS MILITARES E O PODER

de Alberto Seixas Santos

com Otelo Saraiva de Carvalho, Eduardo Lourenço,

Robert Kramer

Portugal, 1982 – 90 min / legendado em português | M/12

“Ensaio sobre os militares e o poder”, frase que também pertence ao título de GESTOS & FRAGMENTOS, resume o espírito do filme, assente em três pontos de vista sobre o mesmo tema: os do capitão de Abril Otelo Saraiva de Carvalho e do filósofo Eduardo Lourenço, nos seus próprios papéis, e o protagonizado pelo cineasta Robert Kramer no papel de um jornalista norte-americano embrenhado na procura de explicações para o rumo tomado pela Revolução portuguesa. “Certeiro e mortífero.” Um dos mais impressionantes olhares cinematográficos sobre a Revolução de Abril. Produção Grupo Zero. O argumento é de Alberto Seixas Santos, que coassina o comentário da sua segunda longa-metragem com Nuno Júdice, Eduardo Lourenço, Kramer e Otelo.

TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ (PARTE III)

Em abril chegamos à terceira etapa do nosso percurso através da vastíssima e variadíssima obra de Michael Curtiz, cobrindo um período de trinta anos e mantendo o princípio de misturar filmes das diversas etapas da sua carreira, de modo a sublinhar a sua extraordinária versatilidade. Além de alguns dos seus filmes mais célebres (THE ADVENTURES OF ROBIN HOOD, THE SEA HAWK), poderemos descobrir e redescobrir obras em que ele ilustrou brilhantemente alguns dos principais géneros do cinema americano: *western*, aventuras, filme negro, musical, além de um raro filme do seu período mudo, realizado em Viena. E poderemos constatar que a obra de Mihály Kertész/Michael Curtiz é um nunca acabar de surpresas.



ROUGHLY SPEAKING



DAS SPIELZEUG VON PARIS

- ▶ Sábado [05] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [23] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE ADVENTURES OF ROBIN HOOD

As Aventuras de Robin dos Bosques

de Michael Curtiz

com Errol Flynn, Olivia de Havilland, Claude Rains, Basil Rathbone

Estados Unidos, 1938 – 105 min / legendado eletronicamente em português | M/12

THE ADVENTURES OF ROBIN HOOD é um dos mais célebres filmes de Michael Curtiz e um dos grandes clássicos de sempre do cinema americano. Destinou-se ao público juvenil, mas conquistou desde sempre espectadores de todas as idades. Filmado num esplêndido Technicolor e protagonizado por um Errol Flynn absolutamente perfeito, esta é uma das muitas versões cinematográficas da história do célebre bandoleiro. Manuel Cintra Ferreira observou que o filme de Curtiz “apresenta os personagens na sua forma mais arquetípica e entra imediatamente na lenda, torneando os escolhos da apresentação das causas que levaram Robin para a floresta”, contrariamente a versões anteriores e posteriores, e conclui: “THE ADVENTURES OF ROBIN HOOD é uma verdadeira festa”. A apresentar em cópia digital. A primeira sessão é apresentada no âmbito da rubrica *Sábados em Família* e decorre como *Sessão Descontraída* (Ver *Cinemateca Júnior*, página 2).

- ▶ Segunda-feira [07] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [09] 19h30 | Sala Luís de Pina

THIS IS THE ARMY

Forja de Heróis

de Michael Curtiz

com George Murphy, Joan Leslie, Joe Louis, Ronald Reagan

Estados Unidos, 1943 – 120 min / legendado eletronicamente em português | M/12

THIS IS THE ARMY é um musical realizado em plena Segunda Guerra Mundial, destinado a homenagear o exército americano. O filme transpõe para o cinema um espetáculo musical que triunfara na Broadway no ano anterior. Não há, por assim dizer, nenhuma trama narrativa, encadeiam-se situações-tipo que são pretextos para os números musicais. O grande pugilista Joe Louis foi incorporado ao elenco, de modo que os espectadores negros também se sentissem envolvidos pelo fervor patriótico que o filme tentava incutir nos espectadores. THIS IS THE ARMY foi um triunfo comercial, em parte porque a Warner anunciou que toda a receita de bilheteira seria destinada à Fundação de Ajuda ao Exército e muitos espectadores foram assistir ao filme como se se tratasse de um dever. A apresentar em cópia digital.

- ▶ Quinta-feira [10] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [14] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE MATRIMONIAL BED

de Michael Curtiz

com Lilyan Tashman, Frank Fay, Florence Eldridge

Estados Unidos, 1930 – 70 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Adaptado de uma peça francesa de autoria de Yves Mirande, THE MATRIMONIAL BED é

uma divertida comédia sobre aventuras conjugais, que teria sido impensável depois da promulgação do Código Hays. Cinco anos depois de ter perdido o marido num acidente ferroviário, uma mulher voltou a casar-se e teve um filho do segundo marido, que não é muito respeitado pela criadagem, que tem saudades do antigo patrão. Um dia, a mulher convida para jantar um cabeleireiro por quem a sua melhor amiga está apaixonada e todos ficam espantados com a semelhança entre ele e o falecido. Naturalmente, tudo se complica. Primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ Sábado [12] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [30] 15h30 | Sala Luís de Pina

THE SEA HAWK

O Gavião dos Mares

de Michael Curtiz

com Errol Flynn, Brenda Marshall, Claude Rains

Estados Unidos, 1940 – 120 min / legendado eletronicamente em português | M/12

THE SEA HAWK foi a nona colaboração entre Michael Curtiz e Errol Flynn, que desta vez não contracena com a sua parceira habitual, Olivia de Havilland, mas com uma atriz muito diferente, Brenda Marshall. Trata-se de um filme de aventuras situado no século XVI, em que Flynn interpreta um pirata a soldo de Isabel I de Inglaterra, que ataca o navio que transporta o embaixador enviado a Londres por Filipe II, rei de Espanha. THE SEA HAWK é uma produção monumental, com centenas de figurantes, longos e espetaculares duelos e uma magistral fotografia a preto e branco (na sua versão original, o filme continha uma cena tintada em sépia). Mas também se trata, de modo indireto, de um filme de propaganda em tempos de guerra. “Tudo está construído de forma a galvanizar os ânimos e a Rainha Isabel faz um discurso ‘inteiramente apócrifo’” (Manuel Cintra Ferreira) dirigido ao presente, “sobre a defesa de Inglaterra e luta pela liberdade”. A exibir em cópia digital. A primeira sessão é apresentada no âmbito da rubrica *Sábados em Família* (Ver *Cinemateca Júnior*, página 2)..

- ▶ Sábado [12] 18h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [28] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE UNSUSPECTED

Sem Sombra de Suspeita

de Michael Curtiz

com Claude Rains, Joan Caulfield, Audrey Totter, Constance Bennett

Estados Unidos, 1947 – 103 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Magnífico exemplo do *film noir* que surgiu no início dos anos de 1940, com as suas complexas intrigas repletas de fobias e mortes e a sua iconografia peculiar, que explora a fundo as possibilidades dramáticas da imagem a preto e branco. Na sua última colaboração com Curtiz, Claude Rains faz o papel de um radialista que narra séries de mistério. Obcecado pelo crime perfeito, assassina a sua secretária e tenta fazer passar o seu crime por um suicídio. Curtiz usa todos os recursos estilísticos do mais hipnótico dos géneros para criar um magnífico momento de cinema. O filme não é exibido na Cinemateca desde 1991.

► Terça-feira [15] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

FIAKER NR. 13

A Tipóia N° 13

de Mihály Kertész/Michael Curtiz
com Lili Damita, Jack Trevor, Walter Rilla

Alemanha, 1926 – 78 min / mudo, com intertítulos em alemão e legendagem eletrônica em português | M/12

SESSÃO COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR DANIEL SCHVETZ

Adaptação de um folhetim de 1880 que já tinha sido filmado por Alberto Capozzi em 1917, FIAKER NR. 13 conta a história de Lilian, filha de um milionário, que é encontrada em bebé por um taxista parisiense que a cria como sua filha. Foi durante as filmagens deste filme em Paris que Michael Curtiz, então ainda Mihály Kertész, conheceu Harry Warner, o mais velho dos irmãos Warner, que se encontrava na Europa a recrutar novos talentos. Paul Leni foi o responsável pela direção artística. Primeira exibição na Cinemateca.

► Terça-feira [15] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Segunda-feira [21] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro

UNDER A TEXAS MOON

de Michael Curtiz

com Frank Fay, Myrna Loy, Raquel Torres

Estados Unidos, 1930 – 82 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Filmado em Technicolor bicromático, este filme é um raro exemplo do *western* musical, além de ser o segundo *western* a ter sido filmado a cores. A trama narrativa é típica do género: um desconhecido chega a um *ranch* no Texas, onde corteja duas irmãs e acaba contratado para descobrir quem são os membros de uma quadrilha de ladrões de gado. Mas o filme não tem a dureza e a violência que caracterizam o *western*, pois o homem corteja todas as mulheres que encontra, o que é o pretexto ideal para que comece a cantar. Primeira exibição na Cinemateca.

► Quinta-feira [17] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Segunda-feira [28] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

NOAH'S ARK

A Arca de Noé

de Michael Curtiz

com Dolores Costello, George O'Brien, Louise Fazenda

Estados Unidos, 1928 – 135 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Como em SODOM UND GOMORRHA, de 1922, Curtiz associa um tema bíblico e um tema contemporâneo neste filme monumental e ambicioso. A história começa em 1914, em Paris, pouco antes do início da Primeira Guerra Mundial. Um casal enamora-se, mas a guerra separa-os. A mulher segue o homem até às trincheiras e a partir deste momento (cerca de uma hora de ação cinematográfica) somos transportados para os tempos bíblicos, com os mesmos atores no papel de um par de amantes. Com impressionantes cenários e incontáveis figurantes, o filme toma bastante liberdade com o Livro Sagrado, misturando o episódio da Arca de Noé com o de Moisés. Tudo chega ao fim com um impressionante dilúvio bíblico, posto em paralelo com o “dilúvio de sangue” da guerra. O filme é semi-sonoro, com intertítulos e alguns diálogos falados. Primeira exibição na Cinemateca.

► Quinta-feira [17] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Terça-feira [22] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

RIVER'S END

de Michael Curtiz

com Charles Bickford, Evelyn Knapp, J. Farrell MacDonald

Estados Unidos, 1930 – 75 min / legendado eletronicamente em português | M/12

A trama narrativa deste filme situado no Canadá tem semelhanças com a de um *western*, mas o seu verdadeiro tema é o da substituição da personalidade. Um membro da Polícia Montana e o seu guia escoltam um homem que foi detido por homicídio até à cidade onde será preso. Mas o guia morre a meio da viagem e o polícia, que simpatizou com o prisioneiro, sugere-lhe que assuma o lugar do outro, já que ambos tinham grande semelhança física. Mas a coisa complica-se quando o homem se apaixona pela noiva do morto. Em diversas sequências Curtiz usa a técnica da dupla exposição, para que a personagem possa dialogar consigo mesmo. Primeira exibição na Cinemateca.

► Segunda-feira [21] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

A MILLION BID

A Mulher Vendida

de Michael Curtiz

com Dolores Costello, Warner Oland, Malcolm McGregor

Estados Unidos, 1927 – 70 min / mudo, com intertítulos em inglês e legendagem eletrônica em português | M/12

SESSÃO COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR JOÃO PAULO ESTEVES DA SILVA

Este é o segundo filme americano de Michael Curtiz e a trama narrativa é particularmente inverosímil (a história já tinha sido filmada uma primeira vez, oito anos antes). Uma mulher ama um cirurgião, mas é forçada pela mãe a casar-se com um milionário. Este desaparece durante uma viagem marítima e ela, crendo-se viúva, casa-se com o médico que amava, mas um dia descobre que o marido afinal não morreria. Curtiz, que com este filme “continuou a aprender os mecanismos de funcionamento de Warner” (Pablo Mérida), não desperdiçou as oportunidades de afastar-se da trama melodramática e inserir espetaculares sequências marinhas ou ferroviárias. A crítica da época não foi muito positiva, mas isto não impediu que a Warner renovasse o contrato do realizador. Primeira exibição na Cinemateca.

► Segunda-feira [21] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Terça-feira [29] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

ROUGHLY SPEAKING

O Preço da Felicidade

de Michael Curtiz

com Rosalind Russell, Jack Carson, Alan Hale

Estados Unidos, 1945 – 115 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um dos filmes menos vistos de Curtiz, baseado na autobiografia de uma americana comum, nem célebre nem rica, Louise Randall Pierson, numa narrativa que vai de 1902 até à entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial. O autorretrato desta mulher banal, mas que não se deixa abater pelas adversidades, interessou a Warner, tanto mais que toda a história se passa “numa família, uma em seis milhões, mas que poderia ser a sua”, como anuncia Rosalind Russell no *trailer* do filme. A narrativa nada tem de melodramática, destina-se a infundir otimismo e tem por vezes um tom cómico. Primeira exibição na Cinemateca.

► Quarta-feira [23] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Sábado [26] 19h30 | Sala Luís de Pina

THE SCARLET HOUR

Garras de Mulher

de Michael Curtiz

com Carol Omhart, Tom Tryon, James Gregory, Nat King Cole

Estados Unidos, 1956 – 95 min / legendado eletronicamente em português | M/12

THE SCARLET HOUR é um magistral filme criminal, cuja trama narrativa tem paralelos com a de DOUBLE INDEMNITY de Billy Wilder, como assinalou o *trailer* de apresentação do filme à época. O filme lançou dois novos atores, Carol Omhart e Tom Tryon, que embora tenham excelentes desempenhos não tiveram a carreira que se esperava. Um homem é manipulado pela ambiciosa amante, que o convence a participar no assalto a uma joalheria que o seu marido está a organizar, para fugirem com o fruto do roubo, mas a situação complica-se. O crítico Michael Winner definiu o argumento como “uma esplêndida mistura de homicídio, roubo, violência e segredo”. Nat King Cole faz uma aparição, cantando *Let me Go*. Um filme a redescobrir. Primeira exibição na Cinemateca. A apresentar em cópia digital.

► Quinta-feira [24] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Terça-feira [29] 19h30 | Sala Luís de Pina

THE BOY FROM OKLAHOMA

de Michael Curtiz

com Will Rogers Jr., Nancy Olson, Lon Chaney Jr.

Estados Unidos, 1954 – 88 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Este foi o último filme de Curtiz para a Warner Bros., para a qual trabalhava há vinte e sete anos. Trata-se de um *western* em “tom menor”, em que um recém-chegado a uma cidade, que mal sabe usar uma pistola e não parece saber lutar, é nomeado xerife por um dos homens poderosos da terra, que pensa poder manipulá-lo. Mas o rapaz interessa-se pela filha do seu predecessor, que morreria em circunstâncias estranhas e põe-se a investigar o ocorrido. Primeira exibição na Cinemateca.

► Segunda-feira [28] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

DAS SPIELZEUG VON PARIS

A Bonequinha de Paris

de Mihály Kertész/Michael Curtiz

com Lili Damita, Eric Barclay, Hugo Thimig

Áustria, 1925 – 100 min / mudo, com intertítulos em alemão e legendagem eletrônica em português | M/12

SESSÃO COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR FILIPE RAPOSO

Logo a seguir à realização do épico DIE SKLAVENKÖNIGIN, um *peplum* sobre Moisés no Egito, em que dirigiu cinco mil figurantes, Curtiz realizou este filme típico da atmosfera e da estética dos anos de 1920 (a tradução literal do título seria “O Brinquedo de Paris”), em que uma mulher está dividida entre o seu marido e o amor pela dança. Uma jovem dançarina torna-se a sensação de Paris da noite para o dia e pouco tempo depois casa-se com um aristocrata e retira-se para o campo. Mas não resiste a um convite do seu antigo empresário e volta para Paris, o que causará uma crise com o marido. Muitas cenas foram filmadas em cenários naturais em Paris e o filme também tem magníficos cenários modernos para as cenas de interior. Lili Damita tem aqui pela primeira vez um papel principal e foi imediatamente contratada por Hollywood. Primeira exibição na Cinemateca.

O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA (II)

A conceção deste programa, cuja apresentação se iniciou em março, foi iniciada quando José Manuel Costa era Diretor da Cinemateca. É dele o texto que se segue, bem como as notas sobre as sessões individuais.

Com exceção de dois títulos, esta segunda parte do Ciclo dedicado às relações do cinema com a obra de Joseph Conrad inclui adaptações levadas a cabo já nas últimas décadas do século XX e nos inícios deste século. As exceções são os dois casos que fomos obrigados a deixar para abril por questões de acesso às cópias – DANGEROUS PARADISE, de W. Wellman (1930), que foi a primeira adaptação de Conrad verdadeiramente sonora, e o díptico FACE TO FACE, de John Brahm/Bretaigne Windust (1952), do qual o título de Brahm assinalou o começo da abordagem das *short stories* do escritor. Fora esses, e goradas que foram entretanto todas as expectativas de incluir uma outra adaptação de 1940 que, em março, ainda contávamos vir a mostrar (VICTORY, de John Cromwell, que não é obra perdida mas que se revelou inacessível, só tendo sido localizado material em suporte original de nitrato de celulose num dos arquivos americanos), todos os filmes a projetar são agora filmes realizados a partir de 1978, o ano que antecedeu o de APOCALYPSE NOW de Coppola, dado a ver na abertura. Com eles, o que saltará logo à vista é que estamos já, portanto, num terreno muito distante (dir-se-ia *por condição*) das convenções do *studio system* americano, e mesmo da transição pós-clássica, com tudo o que isso implica no modo de pensar a adaptação da literatura ao cinema, e consequentemente, a adaptação desta obra em particular, ao mesmo tempo tão atrativa para o “grande ecrã” e tão resistente à extirpação dos seus próprios meandros narrativos. Se é verdade que a maior ou menor força de um filme de qualquer época *nunca* dependeu nem depende da fidelidade à sua possível base literária, também é verdade que, atingida esta etapa do cinema no século XX, estavam abertos outros e mais diversificados caminhos na relação entre as duas artes, que a transposição de Conrad mais uma vez bem espelhou. Já de há muito digerida a defesa do “cinema impuro” de Bazin, aquilo que, no terreno literário, tanto tinha marcado a modernidade do autor de *Lord Jim* e tantas vezes tinha erguido escolhos na sua adaptação – essa *deriva rememorativa* como primeira matéria e cerne da história narrada – convertera-se já também, para quem quisesse ir por aí, em potencial matéria cinematográfica.

Patente em alguns dos últimos filmes exibidos em março, esta outra latitude nas soluções de adaptação torna-se então ainda mais visível nesta segunda parte do Ciclo, e não é certamente alheia ao próprio facto de, neste período, o interesse do cinema por Conrad se ter mantido bem vivo. De facto, ao caminharmos para o final do século XX e mesmo depois disso, o que se verificou é que esse interesse não só não esmoreceu como se intensificou, fazendo com que, sem que alterássemos os critérios antes expostos, o número de adaptações datadas de 1978 em diante (neste caso cobrindo o intervalo 1978-2016) se revelou praticamente idêntico ao das seis décadas anteriores (das quais, repete-se, há uma – mas só uma – adaptação hoje considerada perdida, e um outro título por ora inacessível). Mas é também a altura de lembrar que, tendo assumido como critério principal uma base de seleção o mais objetiva possível (os filmes em que, de modo mais ou menos explícito, foram adaptadas obras concretas de Joseph Conrad), não ficámos por isso imunes a toda a subjetividade, nem na primeira nem na segunda parte, e *ainda menos* nesta segunda parte. Assim, e se, em nome desse critério, antes sentimos dever incluir WIND ACROSS THE EVERGLADES, agora tomámos decisões diversificadas em relação a outros títulos para os quais nos foi muito mais difícil traçar uma linha separadora entre o que é uma efetiva adaptação – mesmo se deslocada no espaço e no tempo, mesmo se não explicitada – e a incorporação de *alguns* elementos estruturais bem identificáveis de uma obra particular. Próximo dessa linha de sombra entre a “adaptação” e o que se poderia chamar o infinito campo da “citação”, podemos referir, por exemplo, EL CORAZÓN DEL BOSQUE, de Manuel Gutiérrez Aragón, outro filme do ano de 1979 (e mais uma vez inspirado em *Heart of Darkness*), que optámos por incluir, ao contrário de outros que, neste quadro e com os dados existentes, acabámos por excluir.

Por último, escusado será dizer que, por estas ou outras razões, nenhuma lista de “adaptações” está alguma vez fechada, e que qualquer ciclo a que nos aventuremos neste campo é também um desafio à descoberta e a possíveis desenvolvimentos. Ao apresentar a extensa “filmografia Conrad” que publicou há quase três décadas (inserida no livro por si editado *Conrad on Film*, de 1997, onde o critério era distinto e mais lato do que o que aqui assumimos), Gene Moore escrevia sensatamente, por exemplo, que lhe “parecia difícil de acreditar que nenhum dos milhares de filmes indianos ou japoneses se tivesse inspirado em Conrad”. E se, em última análise, esta reserva é aplicável à História do cinema por inteiro, é importante sublinhar que também se aplica à produção mais recente, na qual, sabemos-lo já, há exemplos que não abarcámos, ou não fomos a tempo de identificar. Não é sequer preciso pensar em ciclos Conrad baseados em critérios diferentes – sejam as obras de “espírito conradiano”, sejam aquelas em que Conrad é citado, referido, ou mesmo *lido* – para que admitamos a vontade de ir mais longe, ou noutras direções. Programar, numa cinemateca, é também isso: ciclos geram ciclos.

José Manuel Costa



DANGEROUS PARADISE

- ▶ Terça-feira [01] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [07] 19h30 | Sala Luís de Pina

FACE TO FACE

Cara a Cara

de John Brahm, Bretaigne Windust

com James Mason, Gene Lockhart, Michael Pate

Estados Unidos, 1952 – 89 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Não exibido em março por indisponibilidade de cópia, FACE TO FACE, que inclui o que supomos ter sido a primeira adaptação ao cinema de uma *short-story* de Conrad (*The Secret Sharer*, publicado na coletânea *Twixt Land and Sea*, de 1912), é aqui programado na sua integralidade, não só por isso mas pela originalidade do projeto, em que só metade vem de Conrad. Composto de dois filmes, é então o primeiro, de Brahm, que adapta esse conto, que volta ao Arquipélago Malaio e é mais uma variação sobre o tema do secreto reconhecimento do *duplo* (o “oponente” em cuja história e atitude o protagonista interiormente se reconhece). Quanto ao segundo, de Bretaigne Windust, baseia-se numa história de Stephan Crane adaptada por James Agee (*The Bride Comes to Yellow Sky*) que aborda o reencontro de dois arqui-inimigos, xerife e pistoleiro, no regresso do primeiro a uma pequena cidade do Oeste Americano. Em ambos, o protagonista divide-se em dois, que são *partes do mesmo*. Postos “face a face”, trata-se de uma junção de universos evocadora de outras relações (à cabeça, a amizade Conrad-Crane) para as quais valerá a pena olhar. Primeira apresentação na Cinemateca.

- ▶ Terça-feira [01] 19h30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Terça-feira [15] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

NAUFRAGIO

de Jaime Humberto Hermosillo

com José Alonso, María Rojo, Ana Ofelia Murguía

México, 1978 – 101 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Baseado em *Tomorrow* – uma das histórias da coletânea *Typhoon* publicada em 1903 –, o naufrágio a que se refere este título tão sugestivamente conradiano, é, antes de tudo o mais, o afundamento das ilusões humanas perante o choque da realidade. Trata-se de novo de uma adaptação não creditada e de outra história transposta no espaço e no tempo, agora de um desolado porto na costa inglesa na viragem do século para o coração da Cidade do México no tempo do filme. Mais do que isso, a personagem motivadora da história original – o reformado capitão da marinha costeira Hagberd – é convertido numa personagem feminina, a modesta empregada de escritório governamental Doña Amparito, que, tal como acontecia com Hagberd, vive centrada na esperança do regresso iminente de um filho embarcado, longamente ausente e mitificado. Bem representativo do “Novo Cinema Mexicano” da década de 70, e não menos do universo sublinhadamente transgressor de Hermosillo – votado à desconstrução dos clichés e ilusões da classe média baixa do país –, dele disse o seu autor que o que mais o atraiu no argumento foi “não se dar o ponto culminante do melodrama convencional, ou seja, o encontro entre a mãe doente e o filho tão longamente ausente. É um melodrama sem concessões, irritante.” Primeira apresentação na Cinemateca. A apresentar em cópia digital.

- ▶ Terça-feira [02] 18h00 | Sala Luís de Pina
- ▶ Sábado [12] 16h00 | Sala Luís de Pina

CON GLI OCCHI DELL' OCCIDENTE

de Vittorio Cottafavi

com Gerardo Amato, Raoul Grassilli, Franco Branciaroli

Itália, 1979 – 200 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Como anunciado em março, voltamos a Cottafavi com a sua segunda adaptação conradiana, sete anos depois de LA FOLIE ALMAYER (1972), e num dos seus últimos trabalhos, que nesta fase eram exclusivamente feitos para televisão. Agora o alvo era *Under Western Eyes*, o romance de “culpa e expiação” ambientado na Rússia czarista que aqui já referimos a propósito da adaptação de Allégret dos anos 30. No caso vertente, trata-se de uma minissérie da RAI em três episódios (dados a ver numa sessão), que, nos termos do próprio Cottafavi, era um novo intento de “se bater com Conrad” de uma forma que lhe parecia “facilitada” pela existência de um narrador, o professor inglês de Genebra, outro *alter ego* do escritor, que era ele próprio personagem da história. Mas lembrar essa “facilidade” é tocar em algo maior, na medida em que, agora de forma muito consciente, o narrador-participante, no exato oposto de um problema, torna-se justamente *chave* nas mãos de um autor que experimentara já no seu classicismo a inclusão de momentos assumidos como “brechtianos”. Também por aí vemos então a que ponto Cottafavi, usando a televisão, exemplifica como poucos o modo como a *impureza* do cinema moderno interveio de forma desbloqueadora na problemática destas adaptações. A apresentar em cópia digital.

- ▶ Quinta-feira [03] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

EL CORAZÓN DEL BOSQUE

de Manuel Gutiérrez Aragón

com Ángela Molina, Norman Briski, Luis Politti

Espanha, 1979 – 100 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Mais um filme assombrado por *Heart of Darkness*, cujas referências ao romance, pese embora serem menos completas do que as do APOCALYPSE NOW de Coppola (porventura até menos do que as de WIND ACROSS... de N. Ray, o que o situará já nos limites da “adaptação”), nos pareceram apesar de tudo justificar a inclusão. Desta vez, a transposição é para Espanha, nos anos 50, e refere-se à missão de um enviado do PCE (Partido Comunista de Espanha) aos Montes Cantábricos, encarregado de contactar um ex-guerrilheiro que, no rescaldo da Guerra Civil, após a vitória franquista, ali se esconde ainda, recusando-se a abandonar a luta armada, e de convencê-lo a desistir dessa luta. Mantendo um clima alucinatório que, porém, se desliga do horror contextual de Conrad (o colonialismo europeu no Congo no século XIX, depois transposto para a Guerra do Vietname em Coppola), o que o mais o aproximará do escritor será então o facto de também esta ser uma viagem ao encontro de um homem em queda, de algum modo (auto)condenado, com o qual não deixa de haver uma ligação profunda, e que se converte, por parte do seu ex-companheiro de armas, em jornada de autointerrogação e autoconhecimento. O filme não é exibido na Cinemateca desde 1986.

- ▶ Quinta-feira [03] 19h30 | Sala Luís de Pina

UN REIETTO DELLE ISOLE

de Giorgio Moser

com Maria Carta, Sergio Fantoni, Massimo Girotti

Itália, 1980 – 90 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Logo a seguir à última abordagem conradiana de Cottafavi, surge em Itália mais esta adaptação para televisão feita por um autor de cinema, Giorgio Moser, que, entre os anos 50 e 90 se torna conhecido na área do documentário, mas que assina também obras de ficção, tanto para o “grande” como para o “pequeno” ecrã. Apresentado como um “filme para televisão”, inicialmente difundido pela RAI em três partes, baseia-se de novo em *An Outcast of the Islands* – a história da queda de Willems, antigo protegido do comandante Tom Lingard, já transposta por Carol Reed em 1951 – na qual Moser inseriu elementos supostamente inspirados na vida de um outro italiano que conhecera no Bornéu. É portanto mais uma obra a descobrir deste contexto cinematográfico e televisivo italiano (do qual veremos ainda IL CORSARO, de Giralaldi), no caso vertente filmado na Índia (Kerala), e na qual uma das curiosidades é a presença de Maria Carta (nome de referência do canto tradicional da Sardenha, também atriz em vários filmes) no papel de Joanna, mulher de Willems. A apresentar em cópia digital. Primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ Sexta-feira [04] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

DES TEUFELS PARADIES

“O Paraíso do Diabo”

de Vadim Glowna

com Jürgen Prochnow, Sam Waterston, Suzanna Hamilton

República Federal da Alemanha, 1987 – 94 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Segunda das adaptações do romance *Victory* a ser exibida no presente Ciclo, este “Paraíso do Diabo”, produzido na Alemanha e rodado na Tailândia, foi – na cronologia das obras cinematográficas – a quarta de um total de cinco já feitas até hoje do mesmo livro, num conjunto do qual só uma – a de John Cromwell, de 1940 – teve de ser aqui excluída por não estar preservada e acessível (das que são exibíveis, a primeira, de M. Tourneur, de 1919, foi mostrada em março, DANGEROUS PARADISE, de 1930, será projetada mais perto do final do mês, e, até lá, veremos ainda a de Mark Peploe, de 1996). História do solitário Escher que habita uma ilha isolada, para onde um dia leva uma jovem que toca numa banda na cidade mais próxima (onde é abusada), e que, na sequência disso, vê o seu mundo alterado pela chegada à ilha de outros dois personagens de

mau agouro, o filme, perante a complexidade do romance de Conrad, retoma de algum modo a base argumental das versões anteriores, nisso incluindo o *happy end* adotado logo na primeira. Por outro lado, Glowna – um carismático ator alemão que nos anos 80 passou também à realização – representará aqui um caminho intermédio, entre a modernidade de algumas adaptações que assumem mais diretamente a “matéria literária” e algum revivalismo de uma época clássica, já longínqua. São de assinalar algumas participações de monta, entre as quais a fotografia de Martin Schäffer e a presença de Ingrid Caven, como cantora e líder da banda onde toca a personagem de Suzanna Hamilton. Primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ Sábado [05] 16h00 | Sala Luís de Pina

IL CORSARO

de Franco Giraldi

com Philippe Leroy, Laura Morante, Ingrid Thulin

Itália, 1985 – 167 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Ainda outra minissérie de televisão dirigida por um realizador de cinema italiano, e novamente uma adaptação do romance *The Rover* de que vimos em março a versão de Terence Young de 1967 (L'AVVENTURIERO). Reencontramos assim o ex-pirata Peyrol, a jovem Arlette que reacende os seus sonhos de amor, ou a sua tia Catherine (com Philippe Leroy no lugar de Quinn, Laura Morante no de Schiaffino, e Ingrid Thulin no de Hayworth), e voltamos a testemunhar a tentativa frustrada do primeiro para se afastar em definitivo de qualquer ação militar. Como Cottafavi, Giraldi chegou à televisão após anos de cinema de género, neste caso o *western spaghetti* e a *commedia all'italiana*, estando agora dedicado às adaptações literárias. E, se as referências são naturalmente outras, estamos mais uma vez num território sólido e original, em que (nesta fase histórica) a televisão acolhe estimulantes experiências de *cinema*. “Quando se adapta uma narrativa ao cinema, temos de fazer do filme um ensaio crítico sobre o livro, uma releitura crítica. Nesse momento, isso pode ter um sentido.” (Giralaldi) Primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ Sábado [05] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

HEART OF DARKNESS

de Nicolas Roeg

com Tim Roth, John Malkovich, Isaach de Bankolé

Estados Unidos, 1993 – 100 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Abordada tentativamente (antes de mais por Orson Welles, de quem foi o primeiro projeto de realização, inviabilizado pela RKO), depois adaptada *indiretamente* em diferentes graus e modos, *Heart of Darkness*, certamente a obra mais influente de Joseph Conrad, datada de 1899, construída sobre a experiência do autor na missão que o levava ao Congo uma década antes, era finalmente transposta “como tal”, ou seja, ambientada no tempo e contexto de origem, neste filme feito para televisão por Nicolas Roeg. Agora trata-se mesmo de Marlow, Kurtz e do “Arlequim” (Tim Roth, John Malkovich, Morten Faldaas) e da subida do rio até ao coração de África nos finais do século XIX, onde estão soltos os demónios do colonialismo europeu e onde o encontro final de Marlow com Kurtz é também o encontro de um homem com a parte mais oculta e temida de si próprio. É claro que o facto de surgir depois do APOCALYPSE NOW de Coppola, enfrentou à partida o rasto poderoso desse outro filme, que tornava difícil ao espectador moderno esquecer o (mais próximo) horror do Vietname, ou, como possível detalhe metonímico disso, a encarnação de Kurtz por Marlon Brando... Mas se tal era, ou é, obstáculo, porque não começar então justamente por aí e reconhecer que, face a ele, é também impossível não sentir curiosidade... pelo Kurtz de Malkovich? Primeira exibição na Cinemateca. A apresentar em cópia digital.

- ▶ Terça-feira [08] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

- ▶ Quinta-feira [24] 19h30 | Sala Luís de Pina

THE SECRET AGENT

O Agente Secreto

de Christopher Hampton

com Bob Hoskins, Patricia Arquette, Gérard Depardieu

Reino Unido, 1996 – 95 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Segunda adaptação de *The Secret Agent* sessenta anos depois de SABOTAGE de Hitchcock, também esta é um caso de regresso ao contexto original da história, de uma forma que, continuando obrigatoriamente a simplificar a complexa teia de Conrad, abandona as alterações feitas na versão anterior (V. nota sobre o filme de Hitchcock no jornal de março). Como no livro (mesmo se este é já escrito em 1906), estamos então na Inglaterra vitoriana, denotando-se uma colagem à *letra* da obra literária que, como é sempre blindado, não equivale necessariamente à transposição do seu *espírito*. Por outro lado, sendo uma das poucas realizações de um homem com longo currículo no teatro e no argumento cinematográfico (com ênfase justamente no trabalho de adaptação de peças e romances), esta maior fidelidade releva aqui essencialmente desse *background* e não tanto de abordagens mais inovadoras a que temos feito alusão. Porventura, e para além do que é sempre uma oportunidade de descoberta, algum do seu interesse no Ciclo será então o de ajudar a mapear, nesta fase, a diversidade destas adaptações. No leque de atores, a par de Hoskins ou Arquette (Verloc e Winnie), há a referir Depardieu (Ossipon) e Robin Williams (o “Professor”), como fatores quicá mais imprevisíveis no conjunto, tal como o poderá ser a contribuição de Philip Glass na música. Primeira exibição na Cinemateca.

► Terça-feira [08] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

VICTORY

de Mark Peploe

com Willem Dafoe, Sam Neill, Irène Jacob

Reino Unido, 1997 – 99 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Pela penúltima vez neste Ciclo, estamos face a uma adaptação de *Victory*, que, como explicado, foi a última a ser produzida dentre todas as que foram identificadas como tal. Trata-se de um dos três únicos filmes realizados por M. Peploe, normalmente mais reconhecido como coargumentista em obras de grandes autores (Demy, Antonioni, Bertolucci), e que aqui tentou aproximar-se mais do romance de Conrad do que os seus antecessores na mesma aventura. Agora, o *happy-end* de todas as outras versões era finalmente, embora só parcialmente, alterado, retomando-se o destino de Alma mas não o de Heyst. Apostando num elenco internacional com alguns trunfos – um dos quais era Irène Jacob como Alma –, o filme teve estranha demora no lançamento (que só terá ocorrido cinco anos após estar terminado) e um acolhimento contido, ou hesitante, que, neste quadro, convida a revisão. Primeira exibição na Cinemateca. A apresentar em cópia digital.

► Quarta-feira [09] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

SWEPT FROM THE SEA

de Beeban Kidron

com Rachel Weisz, Vincent Perez, Ian McKellen

Reino Unido, 1997 – 115 min / legendado eletronicamente em português | M/12

SWEPT FROM THE SEA é mais uma adaptação de um conto de Conrad, neste caso *Amy Foster*, publicado em 1903 na coletânea *Typhoon* (a mesma em que surgia *Tomorrow*, já referido a propósito de NAUFRAGIO). A história – que o biógrafo J. Meyers considerava a “mais pessoal” do escritor, plena de sugestões sobre o “fosso radical entre polacos e ingleses” e a própria vida pessoal de Conrad –, narra o encontro e a relação amorosa entre um emigrante da Europa Central naufragado na costa inglesa e uma jovem criada da povoação onde se encontra, rodeados pela generalizada hostilidade da população. O filme é assinado por uma realizadora com uma obra de três décadas entre o documentário e a ficção, não raro mencionada pela sua independência e irreverência, mas que foi alvo de apreciações muito díspares, que também incidiram neste caso, e que mais uma vez geram curiosidade no âmbito desta viagem conradiana. Muito assente em Rachel Weisz e no mar, o que é que realmente *acontece* neles? Primeira exibição na Cinemateca.

► Quinta-feira [10] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

GABRIELLE

Gabrielle

de Patrice Chéreau

com Isabelle Huppert, Pascal Greggory, Claudia Coli

França, 2005 – 90 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Aparentemente nos antípodas das histórias de homens deslocados em ambientes exóticos, o conto aqui adaptado, *Return* (publicado em 1898 na primeira coletânea de histórias de Conrad *Tales of Unrest*) é a base deste impressionante naufrágio íntimo, em que a vida de um casal se desmorona até ao completo esvaziamento. Ao entrar na sua casa parisiense, um burguês rico do início do século XX depara com uma carta da mulher em que esta o informa que partiu com outro homem, mas, quando está ainda sob o choque imediato da notícia, vê-a afinal regressar, a uma “casa” e a uma “vida” que, nesse intervalo de tempo, deixaram de ser reconstruíveis. Fascinado pelo conto, Chéreau trabalhou-o em filigrana com a sua coargumentista Anne-Louise Trividic, reequilibrando o peso da mulher, que, de um ser forte mas quase silencioso, passa a ser também alguém que *se exprime* (perante a criada) através de diálogos que, como sublinhado pelo realizador, são na verdade *monólogos*. No filme são inseridas frases *escritas*, e alterna-se cor e preto e branco, sem que tenhamos de ver nesta alternância um “código de significação” de uma coisa e outra, antes *passagens*, que são sempre clivagens interiores abruptas na sequência. Um fluxo de avanços, recuos, silêncios ou volte-faces, que só se sustém no último segundo, conduzido por um enorme realizador-encenador (que não tem de disfarçar o seu domínio “teatral” ou “operático”) em cumplicidade com dois atores poderosos – Isabelle Huppert e Pascal Greggory.

► Sexta-feira [11] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

LA FOLIE ALMAYER

A Loucura de Almayer

de Chantal Akerman

com Stanislas Merhar, Marc Barbé, Aurora Marion

França, Bélgica, 2009 – 127 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Penúltima obra, dita a “última ficção” de Akerman (uma distinção que ela própria ajudou a tornar muito menos operativa), esta abordagem de Conrad denota bem quanto os debates sobre a “conformidade” à fonte literária deixaram também há muito de fazer sentido. Akerman volta a *Almayer's Folly* (v. nota sobre a versão de Cottafavi no jornal de março), aceitando o desafio conradiano de compreender as distâncias e o diálogo “entre povos” à luz das nossas próprias ilusões civilizacionais e dos cuidados a ter sobre a noção de “progresso”, mas sabe bem que tal só pode ter a mínima força se, e quando, a sua própria confrontação efetiva com outros contextos, o seu olhar sobre eles, estiver no posto de comando. Trabalhando numa transposição da história para os anos 50, filma no Camboja e integra a marca da língua Khmer, ao mesmo tempo que olha para o seu “assunto” – o amor obsessivo e quase irracional do comerciante Almayer pela

filha – como algo limite, dir-se-ia fora do espaço e do tempo. ALMAYER é assim um filme tão físico (ligado à geografia física e humana e aos elementos naturais) como fantasmático, e é sobretudo um cinema que, liberto de um conceito de “estilo”, inventa a cada passo as soluções formais que surgem do confronto de filmagem. Um “voo” surpreendente, muitas vezes esquecido, ou subestimado, na leitura da obra de Akerman.

► Sexta-feira [11] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

HANYUT

“À Deriva”

de U-Wei Haji Saari

com Peter O'Brien, Sofia Jane, Khalid Salleh

Malásia, 2012 – 116 min / legendado eletronicamente em português | M/12

No ano do filme de Akerman baseado no mesmo livro, foi terminada no Extremo Oriente (embora só lançada em 2016) esta produção malaia de *Almayer's Folly* (a terceira que identificámos e a terceira no Ciclo), que nos dá a hipótese de mostrar um contraponto às visões ocidentais de Conrad e desse seu primeiro romance num território formativo na vida e na obra do escritor. Por essa altura, U-Wei Haji Saari já não era um completo desconhecido no Ocidente, onde um filme seu (KAKI BAKAR, conhecido em inglês por “The Arsonist”) tinha chegado a Cannes em 1995. Saari tinha estudado cinema em Nova Iorque, onde vivera uma década, após o que regressou para tentar filmar no seu país natal (“Nunca se pode voltar a casa. Foi por isso que voltei. Não se pode voltar, logo devemos voltar.”) Aí, e dizendo que filma sempre a “alienação”, venceu pelo menos no intento de fazer algo genuíno na indústria local – uma indústria onde diz “não existir verdadeiramente um cinema malaio tradicional. O público está habituado a personagens a preto e branco, perguntam sempre: qual é a mensagem? É muito difícil para mim responder a isso”. Como abordou então, também ele, a história do comerciante holandês perdido na sua ambição desmedida e na quimera de abandonar o contexto colonial com a sua filha Nina contra a vontade dela, isso é o que poderemos agora ver entre nós pela primeira vez, com a exibição de um filme à partida incontornável no Ciclo. Primeira exibição na Cinemateca.

► Sábado [12] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

SECRET SHARER

de Peter Fudakowski

com Jack Laskey, Zhu Zhu, Ching-Ting Hsia

Reino Unido, 2014 – 103 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Para além de ser nova adaptação da *short-story* *The Secret Sharer* (v. acima FACE TO FACE), este filme traz consigo a curiosidade de, depois de Wajda, envolver um elo de ligação pessoal com raízes polacas. Fudakowski nasceu em Londres, filho de emigrantes polacos fugidos do país no rescaldo da Segunda Guerra Mundial, e terá sempre relacionado este projeto com a sua memória familiar. Por outro lado, toda a sua abordagem passou especialmente pelas conclusões tiradas por Wajda *depois* de adaptar *The Shadow Line*, sendo a sua atitude uma “aplicação” dessas conclusões, sintetizadas pelo próprio Fudakowski na ideia de que “o que realmente é preciso fazer é atirar com o texto de Conrad ao ar e reconstituí-lo”. Na verdade, como muitos outros fizeram, a história é atualizada e alterada em bastantes “detalhes”, dos quais o menor não será a conversão da personagem do fugitivo Leggatt na de Li (Zhu Zhu), supostamente para evitar conotações homossexuais que neste caso *não estão* no conto (uma conversão que, eliminando essa eventual ambiguidade, elimina porém o tema essencial do “duplo”, que substituí pela atração ou relação amorosa...). Mas o que há que sublinhar é que, alterando a trama, Fudakowski instila nela inúmeras referências subtis ao escritor, “usando a história como pretexto para falar de si próprio e da sua identidade polaca” (Joanna Skolik). É importante referir que é a *única realização* do produtor Fudakowski, mas talvez deva ser ainda mais sublinhado à cabeça que, à sua maneira, é mais um filme de um “polaco”. Primeira exibição na Cinemateca.

► Segunda-feira [14] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

► Quarta-feira [30] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

JEUNESSE

Juventude

de Julien Samani

com Kévin Azaïs, Samir Guesmi, Jean-François Stévenin

França, Portugal, 2016 – 83 min / legendado em português | M/12

Na sequência de um documentário sobre “homens no mar” (uma experiência de um grupo de cinco homens num barco no Mar da Irlanda), Julien Samani, com produção de Paulo Branco, volta-se aqui para a *short-story* de Conrad *Youth*, escrita e serializada em 1898, e reportada a factos da juventude do escritor, trazendo-a para o tempo presente. *Youth, uma narrativa* (título original, pelo menos na edição em livro já de 1902), é, na verdade, e supostamente com poucas alterações, a memória de uma viagem catastrófica vivida pelo jovem Conrad num navio em fim de vida no Extremo Oriente, que termina com o incêndio da carga e a salvação da tripulação em botes salva-vidas, perante o afundamento do barco – memória que, pela primeira vez, surge contada pelo *alter-ego* Charlie Marlow, que ressurgirá em *Heart of Darkness*, *Lord Jim* e *Chance*. A uma narrativa de risco e aprendizagem, junta-se o risco da primeira longa-metragem, numa associação assumida e cativante, que, tendo sido lançada entre nós em 2017, impele à redescoberta. Primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ Quarta-feira [16] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
▶ Quinta-feira [24] 22h00 | Sala M. Félix Ribeiro

DANGEROUS PARADISE

de William Wellman

com Nancy Carroll, Richard Arlen, Warner Oland

Estados Unidos, 1930 – 58 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Finalmente, damos a ver esta segunda adaptação de *Victory*, feita pela mão de William Wellman no mesmo estúdio que tinha produzido a versão inicial de M. Tourneur (*Famous Players-Lasky*, agora também já *Paramount*) uma década antes. Mais uma vez, o filme segue de perto a base argumental da primeira, nisso se incluindo o final, que, como assinalado antes, era uma das maiores alterações à complexidade e ambiguidade do romance (v. nota sobre a versão de M. Tourneur no jornal de março e, já neste jornal, nota sobre *DES TEUFELS PARADIES*). Estava-se agora nos inícios do sonoro, e Wellman redesenhou inventiva e consistentemente cada episódio, trabalhando bem os atores (desta vez com destaque para Nancy Carroll), devendo sublinhar-se o tempo e os movimentos de câmara de cenas chave e, noutros troços, a elipse (vide a morte de Zangiaco). Esta é assim mais uma obra fundamental a descobrir, que infelizmente não é possível ver hoje com a qualidade original, neste caso por não ter ainda sido preservado ou restaurado o material de época sobrevivente. Primeira apresentação na Cinemateca.

- ▶ Quarta-feira [16] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

POSTO AVANÇADO DO PROGRESSO

de Hugo Vieira da Silva

com Nuno Lopes, Ivo Alexandre, David Caracol

Portugal, 2016 – 121 min | M/12

De novo uma produção de Paulo Branco, *POSTO AVANÇADO...* tem assinatura portuguesa. Na sua terceira “longa”, Hugo V. da Silva, adapta o conto com o irónico título *An Outpost of Progress* (1896, também publicado em *Tales of Unrest* de 1898), normalmente referido como precursor de *Heart of Darkness* e como ele nascido da experiência de Conrad no Congo em 1891, embora em registo diferente. “*Outpost*”, nas palavras do escritor, era “a parte mais ligeira do que pilhei na África Central”, em que “me despojei de tudo menos de piedade e de algum desdém”. O que Hugo V. da Silva quis fazer com ele tinha contido o alvo adicional de esconjurar fantasmas da *sua casa*, ou seja, os do *colonialismo português* no século XIX – aquele que, agora ao contrário do do século XX, estava a escapar aos olhares recentes sobre a nossa questão colonial. Fazê-lo entrar no filme não exigia mudar a época nem (quase nada) o lugar subentendido do conto, que não se afastava muito de uma então colónia portuguesa – a província do Zaire em Angola –, onde a equipa se instalou para a rotação. O que aí se tornou então mais fácil ao autor foi, por um lado, evocar esses fantasmas (que ousou figurar) e, por outro, levar o espanto, a alienação e o desarrazoado destes dois naufragos da suposta “civilização”, a uma teatralização que vinha ela própria de Conrad sem deixar de prosseguir algo dos seus filmes anteriores. O Ciclo termina *connosco*. Primeira exibição na Cinemateca.

HISTÓRIAS DO CINEMA: VITTORIO DE SETA / FEDERICO ROSSIN

Explicitamente concebida e anunciada como um binómio, a rubrica “Histórias do Cinema” propõe, de um lado, um investigador ou especialista em cinema; de outro, um autor ou um tema histórico abordado pelo primeiro ao longo de cinco finais de tarde e em torno de cinco filmes, cujas projeções são antecedidas e sucedidas de apresentações e conversas sobre o autor ou o tema em causa, numa sequência de encontros pensados como experiência cumulativa. Para a edição de abril das “Histórias do Cinema” convidámos o historiador e programador de cinema Federico Rossin a apresentar aquela que é a mostra mais extensa que a Cinemateca dedica ao cineasta italiano Vittorio De Seta, depois de, em 2013, lhe ter dedicado três sessões no âmbito do Ciclo “Tesouros de Bolonha”.

Após estudar literatura, história de arte e filosofia, Federico Rossin desenvolveu um trabalho profundo de investigação em torno da reconstituição da História do cinema, explorando regiões e períodos pouco reconhecidos pelo cânone. Nesse sentido, vem disseminando novas perspetivas sobre o cinema enquanto formador (da *Peuple et Culture*) e professor universitário (em Angoulême, Lussas, Bruxelas e Limoges). É programador independente, tendo trabalhado em diferentes festivais de cinema (como DocLisboa, États généraux du film documentaire de Lussas e Cinéma du Réel) e instituições (Austrian Film Museum, Cinémathèque Française, Cineteca Italiana). É dele o texto que se segue bem como as notas sobre as sessões individuais.



BANDITI A ORGOSSIO

Sessões-conferência | As intervenções de Federico Rossin serão feitas em inglês sem tradução simultânea

*

Per Adriano Aprà, *in memoriam*

Vittorio De Seta é não só um dos mais celebrados mestres do cinema documental do pós-Guerra – a par de Jean Rouch, Pierre Perrault, Frederick Wiseman e Chris Marker – como é também dos maiores realizadores italianos de todos os tempos – a par de Rossellini, Fellini, Antonioni e Visconti, sendo certamente o menos estudado e o mais desconhecido fora de Itália.

De Seta não foi um realizador prolífico, mas toda a sua obra seguiu, desde sempre, um caminho de absoluta coerência. De Seta foi – como só Rossellini o fora – um cineasta profundamente experimental: para cada um dos seus projetos, reinventou a forma cinematográfica e a sua prática, extraindo-a do interior da obra, em vez de a aplicar de forma pedestre e conceptual a partir do exterior. Para De Seta, o cinema foi sempre uma via de conhecimento, em que o realizador não é necessariamente senhor das circunstâncias e da *mise-en-scène*, preferindo deixar-se guiar pela sua curiosidade em relação à existência humana e colocar-se numa posição empírica e de pesquisa permanente. Dito isto, devemos reconhecer que a maior parte dos seus filmes têm muitos pontos em comum: a abordagem fundamentalmente antropológica, já presente nas curtas-metragens dos anos 1950; a questão da distância a que nos colocamos para nos tornarmos parte de uma comunidade, cujo tempo e espaço de vida podemos partilhar e filmar; a predileção, na tradição evangélica e tolstoiana, pelo mundo dos “esquecidos” e dos “vencidos” da História; a necessidade de uma abordagem mais profunda da vida humana, que não se pode deixar de lado. Logo com os seus primeiros filmes, Vittorio De Seta afirmou-se como um cineasta independente, tornando-se produtor de si próprio, quando não havia condições para se ser cineasta independente em Itália. O realizador Franco Maresco disse um dia que toda a obra de De Seta “é coerente com uma ideia de cinema que não se compromete e, ao mesmo tempo, e precisamente por isso, vai ao encontro de uma ideia aventureira de cinema, semelhante à dos pioneiros” – entenda-se, Robert J. Flaherty e Joris Ivens. Como esses pioneiros, Vittorio De Seta é o iniciador de um novo olhar cinematográfico sobre a realidade, fundado numa rara capacidade de captar em microcosmos as grandes transformações do planeta – das tradições populares à escolarização, passando pelos movimentos de migração internacional. De Seta não foi apenas o poeta épico do sul de Itália – como foi demasiadas vezes reduzido – nem apenas o autor de documentários inesquecíveis, mas sobretudo um cineasta não convencional que experimentou – e muitas vezes reinventou – diferentes formas audiovisuais ao longo dos cinquenta anos da sua carreira: da curta à longa-metragem, do documentário à ficção, até à série televisiva. Todos os seus filmes partem de uma necessidade ética, a de questionar a realidade sem nunca impor um olhar voraz. De Seta não gostava da modernidade, mas o seu questionamento radical das formas clássicas e a sua abertura à realidade enquanto prática constante fazem dele um cineasta da pura modernidade. É a partir desta afirmação que devemos recomeçar a ver e a rever criticamente a sua obra, tão rara e deslumbrante.

Federico Rossin

► Segunda-feira [14] 18h30 | Sala Luís de Pina

IL MONDO PERDUTO (SICÍLIA E CALABRIA)

**LU TEMPU DI LI PISCI SPATA
ISOLE DI FUOCO
SURFARARA
PASQUA IN SICILIA**

Itália, 1955-1959 – 11, 11, 10, 10, 10, 10, 20 min

filmes de Vittorio De Seta

duração total da projeção: 92 min / legendados eletronicamente em português | M/12

Em 1954, quando a disputa e a prática do neorealismo já estavam em declínio, estreou-se um documentarista, Vittorio De Seta, que decidiu lidar diretamente com a realidade. A sua escolha foi radical e única no panorama europeu: fazer filmes sem qualquer narração ou recurso a trechos musicais, rodados com som direto, construído a partir de imagens provenientes de uma exploração muitas vezes fisicamente exaustiva dos locais da Sicília, Sardenha e Calábria que queria documentar. A beleza épica e quase sagrada dos seus dez documentários (1955-1958) surgiu após um trabalho de campo profundo e árduo, e corresponde ao processo de decantação de uma realidade inicialmente captada na sua natureza magmática. São filmes que resultam da consciência que De Seta tinha de que o que estava a ser filmado era um mundo em perigo de extinção, um mundo perdido hoje. A apresentar em cópias digitais.

**CONTADINI DEL MARE
PARABOLA D'ORO
PESCHERECCI
I DIMENTICATI**

► Terça-feira [15] 18h30 | Sala Luís de Pina

IL MONDO PERDUTO (SARDENHA)

**PASTORI AD ORGOSOLO
UN GIORNO IN BARBAGIA**

Itália, 1958 – 11, 10 min

BANDITI A ORGOSOLO

com Michele Cossu, Peppeddu Cuccu, Vittorina e os habitantes de Orgosolo

Itália, 1961 – 91 min

filmes de Vittorio De Seta

duração total da projeção: 112 min / legendados eletronicamente em português | M/12

BANDITI A ORGOSOLO foi filmado na Barbagia, no coração da Sardenha, no início da década de 1960. Trata-se de um filme cuja rodagem se afastou muito das formas tradicionais de produção: De Seta trabalhou com uma equipa muito pequena e com atores não profissionais. Depois de ter feito dois documentários na Sardenha, em 1958, De Seta regressou à ilha mais com um sentimento do que com uma ideia precisa. Não tinha um argumento completo e escreveu-o no local, adaptando-se à realidade, explorando os acontecimentos e trabalhando com os atores. De Seta faz um filme de ficção sem, no entanto, alterar a sua prática documental. Ele reduz a história ao osso: uma investigação sobre o homem revoltado, rejeitando qualquer esteticismo e encontrando o seu próprio caminho feito de imagens arcaicas e puras. Uma balada popular que é também uma canção política impiedosa, dirigida aos últimos homens desta terra. A apresentar em cópias digitais.

► Quarta-feira [16] 18h30 | Sala Luís de Pina

UN UOMO A METÀ

de Vittorio De Seta

com Jacques Perrin, Lea Padovani, Gianni Garko, Ilaria Occhini

Itália, 1966 – 93 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Michele, um jornalista, acaba de sofrer um colapso nervoso que o levou a ser hospitalizado. A partir desse momento de choque, começa a repensar a sua difícil relação com os outros... Rodado por Vittorio De Seta em 1966, de novo sem um argumento escrito, após uma crise psíquica sofrida pelo próprio, o filme é dedicado ao psicanalista junguiano Ernst Bernhard, que acompanhava o realizador desde 1958. UN UOMO A METÀ é uma espécie de longa sessão de terapia, através dos devaneios, memórias e medos de um homem psicologicamente ferido. De Seta encontra uma solução muito pessoal para descrever o processo de elaboração analítica: a estrutura do filme é construída em correspondência com a progressão do trabalho de introspeção do protagonista. Filme fundamental para o entendimento da obra de De Seta, UN UOMO A METÀ é o seu documentário sobre o mundo visto de dentro. Primeira apresentação na Cinemateca, a apresentar em cópia digital.

► Quinta-feira [17] 17h00 | Sala Luís de Pina

DIARIO DI UN MAESTRO 1-2

de Vittorio De Seta

com Bruno Cirino, Mico Cundari, Marisa Fabbri

Itália, 1973 – 70, 75 min

duração total da projeção: 145 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Em 1971, De Seta começou a filmar DIARIO DI UN MAESTRO numa escola dos arredores de Roma, com os alunos – na sua maioria filhos de famílias de imigrantes – a fazerem de si próprios e um ator do sul de Itália, Bruno Cirino, a fazer de professor (*maestro*). As filmagens duraram quatro meses: as cenas foram improvisadas pelos adolescentes e pelo professor com base numa ficção escrita dia a dia por De Seta e Francesco Tonucci, o conselheiro pedagógico. As filmagens decorreram dentro e fora da sala de aula, nos terrenos baldios circundantes e nos locais de trabalho dos alunos, alguns dos quais tinham abandonado a escola no início do filme.

► Quinta-feira [17] 21h00 | Sala Luís de Pina

DIARIO DI UN MAESTRO 3-4

de Vittorio De Seta

com Bruno Cirino, Mico Cundari, Marisa Fabbri

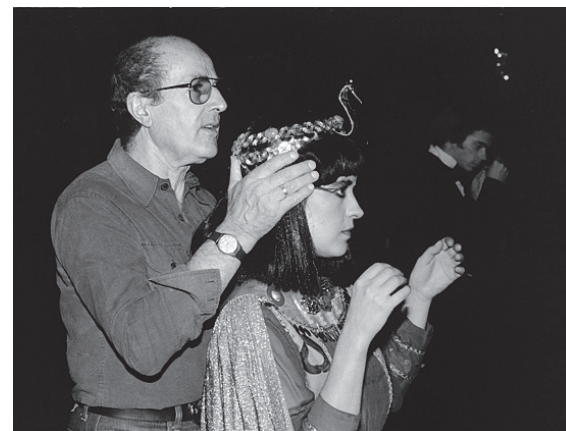
Itália, 1973 – 66, 67 min

duração total da projeção: 133 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Testemunhamos a invenção coletiva de uma escola alternativa e experimental que, seguindo os preceitos da escola nova (herdados nomeadamente de Célestin Freinet, pedagogo e reformador educativo francês), envolve a vida, a história e a cultura dos próprios alunos proletários. O filme acabado reflete o próprio processo da obra, que é uma invenção pedagógica, cinematográfica e política permanente. "A ideia fundamental", disse De Seta, "não era fazer um filme; na realidade, fizemos uma escola e filmámo-la." Um dos maiores filmes italianos, ainda desconhecido no estrangeiro, que se exhibe pela primeira vez em Portugal na sua versão completa, composta por quatro episódios de cerca de uma hora. A apresentar em cópias digitais.

IN MEMORIAM MARIA JOSÉ BRANCO (1951-2025)

Maria José Branco foi uma das personalidades mais fortes e mais livres do cinema português dos últimos quarenta anos, responsável pelos cenários de mais de cinquenta filmes portugueses e franceses, e também pelo guarda-roupa de muitos outros, num total de mais de setenta filmes. Nascida em Lisboa, estudou na Escola Superior de Artes Decorativas Ricardo Espírito Santo e durante uma estadia em Londres, que ela dizia ter-lhe aberto para sempre os olhos para horizontes mais vastos, frequentou o London College of Furniture. Estreou-se naquela que foi uma das grandes aventuras do cinema português, FRANCISCA (1981), em que Manoel de Oliveira marcou de modo definitivo a sua posição singular no cinema. Neste filme Maria José Branco foi assistente de António Casimiro, numa rodagem feita em condições artesanais, num ambiente onde havia cumplicidade e em que todos acreditavam que colaboravam num filme excepcional. Este foi o único trabalho de Maria José Branco como assistente. No ano seguinte é responsável pelos cenários das cenas rodadas em Portugal de O ESTADO DAS COISAS/DER STAND DER DINGE, de Wim Wenders, cuja produção foi organizada de imprevisto durante uma estadia do realizador em Portugal e resultou num dos seus filmes mais apreciados. A partir de então o nome de Maria José Branco está intimamente ligado ao cinema mais ambicioso feito em Portugal, o que a levou a trabalhar com realizadores de várias gerações: Manoel de Oliveira (LE SOULIER DE SATIN, MON CAS, VALE ABRAÃO, PARTY), Pedro Costa (CASA DE LAVA, OSSOS), Fernando Lopes, João Mário Grilo, João Canijo, Teresa Villaverde, Margarida Gil, Carlos Saboga, Bruno de Almeida, Raquel Freire, Gabriel Abrantes. Além de Wim Wenders, colaborou com diversos outros realizadores não portugueses: Raúl Ruiz, em alguns dos seus filmes mais radicais (LA VILLE DES PIRATES, POINT DE FUITE, A ILHA DO TESOURO), André Téchiné (LES INNOCENTS, LES TEMPS QUI CHANGENT), Jacques Doillon, Eugène Green, Gaël Morel. Gostava de liberdade e tinha o gosto pela aventura, o que a levou a propor, à distância, os seus serviços a um realizador indiano, de cuja existência tomara conhecimento pela Internet. Depois de ler o currículo dela, ele aceitou a sua presença profissional no set e foi assim que Maria José Branco colaborou, não creditada, em KUTTY SRANK: THE SAILOR OF HEARTS (2009), de Shaji N. Karun, que considerou uma experiência feliz. Para ela, a aventura da rodagem, com os seus imprevistos e as suas cumplicidades, era tão importante quanto o resultado, nos mais de setenta filmes em que trabalhou ao longo de quarenta anos. Maria José Branco não pôde trabalhar nos seus últimos três anos de vida, mas para ela estar privada da aventura do cinema era estar privada de um elemento essencial da vida.



FRANCISCA [foto de rodagem]

► Quinta-feira [17] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

MON CAS

O Meu Caso
de Manoel de Oliveira
com Bulle Ogier, Luls Miguel Cintra,
Axel Bougousslavsky, Fred Personne

França/Portugal, 1986 – 88 min / versão original falada em francês,
legendada eletronicamente em português | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Baseado em José Régio (*O Meu Caso*), Samuel Beckett (*Pour En Finir et Autres Foirades*) e na *Bíblia (Livro de Job)*, o filme, falado em francês, pertence à mesma vertente de OS CANIBAIS, que Oliveira realizou a seguir. No centro de tudo, está a representação, com a peça *O Meu Caso* de Régio mostrada sob três ângulos: em palco, em montagem acelerada e retomada, com toda a banda sonora, em marcha-atrás. Segue-se um quadro crepuscular da civilização moderna, sobre trechos do *Livro de Job*, terminando com uma recriação de Piero Della Francesca. Cenários de Maria José Branco.

► Segunda-feira [21] 19h30 | Sala Luís de Pina

O DELFIM

de Fernando Lopes
com Rogério Samora, Alexandra Lencastre,
Rui Morrison, Miguel Guilherme

Portugal, 2001 – 83 min | M/12

Fernando Lopes filmou a adaptação do romance de José Cardoso Pires a partir do argumento escrito por Vasco Pulido Valente, dando a Rogério Samora e a Alexandra Lencastre dois dos seus melhores papéis em cinema: Portugal, finais dos anos 60, Tomás Palma Bravo, o Delfim, senhor da Lagoa, da Gafeira e marido de Maria das Mercês, “é o herdeiro de um mundo em decomposição”. À volta da sua personagem, o retrato da agonia lenta do país salazarista em plena Guerra Colonial. A direção de arte do filme coube a Maria José Branco.

► Quarta-feira [23] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LES INNOCENTS

A Culpa dos Inocentes
de André Téchiné
com Jean-Claude Brialy, Sandrine Bonnaire,
Simon de La Brosse, Abdellatif Kechiche

França, 1987 – 97 min / legendado em português | M/16

LES INNOCENTS é um filme admiravelmente construído. Situado em Toulon, no litoral mediterrânico, o filme tece uma complexa teia de relações entre os personagens: uma jovem vinda do norte de França, o seu irmão surdo-mudo, um maestro de meia-idade e duas figuras ligadas ao maestro: o seu jovem amante árabe e o seu filho, ligado a grupos de extrema-direita. Uma história trágica, notavelmente realizada e interpretada. Cenários de Maria José Branco.

50+1

Um ano depois da inauguração da instalação “Sempre: a Palavra, o Sonho e a Poesia na Rua”, de Luciana Fina, comissariada e apresentada pela Cinemateca para celebrar os 50 anos do 25 de Abril, e em articulação com o Ciclo “Portugal 1974 – Um sítio que não existe, um tempo que verdadeiramente existiu”, apresentamos o filme-montagem que teve origem nessa instalação.

► Terça-feira [22] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

SEMPRE

de Luciana Fina
Portugal/Itália, 2024 – 108 min | M/12

COM A PRESENÇA DE LUCIANA FINA

Cinquenta anos depois do 25 de Abril de 1974, Luciana Fina revisita as imagens da Revolução dos Cravos em Portugal, a partir dos arquivos da Cinemateca Portuguesa e da RTP. “As imagens do passado olham para nós e pedem para comparecermos diante delas. Resgatar as imagens destes arquivos é também interrogar o cinema, os seus gestos e uma ideia de futuro. Voltar a ver não diz respeito ao passado, é uma exploração das possíveis deslocções entre o passado e o presente.” (Luciana Fina)



COM A LINHA DE SOMBRA

Inaugurada “oficialmente” em março de 2015, a livraria Linha de Sombra tem sido, assim, e desde há dez anos, parceira regular da Cinemateca, com uma rubrica mensal que assinala esta colaboração. Em abril, em dois momentos particularmente partilhados, para os quais programámos, respetivamente: TERRA DE ABRIL e O SOL, A CHUVA E O DINHEIRO, que assinala o lançamento, no mesmo dia, da edição DVD da “trilogia” de filmes realizados em Portugal por Philippe Costantini (ver entrada “Portugal 1974 – Um sítio que não existe, um tempo que verdadeiramente existiu”) e TRÁS-OS-MONTES, a exibir no dia 11, associada ao lançamento, no mesmo dia, de *In the Midst of the End of the World: António Reis and Margarida Cordeiro*, da coleção de cadernos de Courtisane.

► Sexta-feira [11] 19h30 | Sala Luís de Pina

TRÁS-OS-MONTES

de António Reis, Margarida Cordeiro
com habitantes de Bragança e Miranda do Douro
Portugal, 1976 – 111 min | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Juntos, António Reis e Margarida Cordeiro assinaram uma das mais singulares obras do cinema português, construída nos anos 1970/80 em TRÁS-OS-MONTES, ANA e ROSA DE AREIA: o máximo de originalidade com o máximo de modernidade. Sobre TRÁS-OS-MONTES, canto de amor a uma região e uma das obras máximas do cinema português, observou Fernando Lopes: “É talvez a primeira vez no cinema português que um filme estabelece uma síntese dialética ambiciosa quanto ao que os sociólogos chamam de cultura popular”. Filme fundacional para várias gerações de alunos da Escola de Cinema.

► Quinta-feira [24] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

O SOL, A CHUVA E O DINHEIRO

de Philippe Costantini
Portugal, 1975 – 27 min
TERRA DE ABRIL
de Philippe Costantini, Anna Glogowski
França, 1977 – 90 min
duração total da projeção: 117 min | M/12

CONVERSA COM PHILIPPE COSTANTINI E ANNA GLOGOWSKI NO FINAL DA PROJEÇÃO

Philippe Costantini e Anna Glogowski foram dois dos muitos estrangeiros que filmaram em Portugal no pós-25 de Abril. Rodado no outono de 1975, O SOL, A CHUVA E O DINHEIRO é um trabalho de cariz etnográfico, autoapresentado como um “cinemoema” coletivo envolvendo os habitantes de Tourém (Montalegre). Para filmar TERRA DE ABRIL no mesmo norte transmontano, Costantini e Glogowski leram Jorge Dias e partiram para Vilar de Perdizes. Primeiro título da trilogia completada na década seguinte com LES COUSINS D’AMÉRIQUE e L’HORLOGE DU VILLAGE, TERRA DE ABRIL acompanha os preparativos e a representação de um Auto da Paixão (a cor), intercalando-os com outros aspectos do quotidiano da povoação (a preto-e-branco). É também a crónica de uma aldeia com uma forte tradição emigratória em tempo de eleições.

ANTE-ESTREIAS

No mês de abril, esta rubrica apresenta uma única sessão dedicada a uma seleção de curtas-metragens realizadas pelos alunos do IADE – Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação.

► Quarta-feira [02] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

LUCIDEZ

de Bernardo Appel, David Lúcio
Portugal, 2024 – 8 min

O POETA DA FRUTA

de Diana Silva
Portugal, 2024 – 6 min

TÁCTIL

de Ana Vasconcelos, Cláudia Ferreira
Portugal, 2024 – 10 min

POR VALES E SERRANIAS

de Rodrigo Proença
Portugal, 2024 – 8 min

ANTES DE MIM

de Débora Carvalho
Portugal, 2024 – 7 min / legendado em inglês

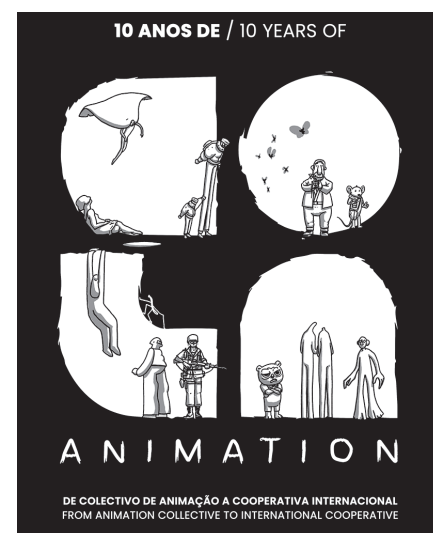
ROSA!

de Nina Gerdes
Portugal, 2024 – 17 min / legendado em português
Duração total da projeção: 56 min | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Marcada por um forte cariz documental, esta sessão é composta por seis curtas-metragens realizadas por alunos do IADE, cada uma com um olhar singular sobre a relação entre memória, território e identidade. LUCIDEZ, percorre as ruas de Sintra ao som de um músico de rua, captando a mística e a sentimentalidade da vila. O POETA DA FRUTA, retrata a rotina simples, mas carregada de significado, de um vendedor de frutas que vive entre o campo e a estrada. Em TÁCTIL, mergulhamos na poesia do artesanato, acompanhando o processo de criação destas peças. Já POR VALES E SERRANIAS, Rodrigo Proença transforma as paisagens da Beira Alta numa extensão cinematográfica do livro homónimo. A memória e o afeto emergem em ANTES DE MIM, uma homenagem sensorial à avó Luciete. Por fim, ROSA, questiona o desgosto e a identidade num momento de transição, onde a amizade se torna um refúgio.

Exposição Temporária



COLA 10 ANOS

20 fevereiro a 3 maio | segunda a sexta-feira, 14h00-19h30 | entrada livre em parceria com a MONSTRA – Festival de Animação de Lisboa

01 TERÇA-FEIRA

- 15H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA
FACE TO FACE
de John Brahm, Bretagne Windust
- 19H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
ANTONIO PIETRANGELI, ESSE DESCONHECIDO
IL SOLE NEGLI OCCHI
de Antonio Pietrangeli
- 19H30 | **SALA LUÍS DE PINA**
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA
NAUFRAGIO
de Jaime Humberto Hermosillo
- 21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
ANTONIO PIETRANGELI, ESSE DESCONHECIDO
AMORI DI MEZZO SECOLO
de Antonio Pietrangeli, Glauco Pellegrini, Pietro Germi, Mario Chiari, Roberto Rossellini, Vinicio Marinucci

02 QUARTA-FEIRA

- 15H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
ANTONIO PIETRANGELI, ESSE DESCONHECIDO
LO SCAPOLO
de Antonio Pietrangeli
- 18H00 | **SALA LUÍS DE PINA**
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA
CON GLI OCCHI DELL'OCCIDENTE
de Vittorio Cottafavi
- 19H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
ANTE-ESTREIA
CURTAS-METRAGENS IADE
vários realizadores
- 21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
ANTONIO PIETRANGELI, ESSE DESCONHECIDO
SOUVENIR D'ITALIE
de Antonio Pietrangeli

03 QUINTA-FEIRA

- 15H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA
EL CORAZÓN DEL BOSQUE
de Manuel Gutiérrez Aragón
- 19H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
ANTONIO PIETRANGELI, ESSE DESCONHECIDO
NATA DI MARZO
de Antonio Pietrangeli
- 19H30 | **SALA LUÍS DE PINA**
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA
UN REIETTO DELLE ISOLE
de Giorgio Moser
- 21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
ANTONIO PIETRANGELI, ESSE DESCONHECIDO
ADUA E LE COMPAGNE
de Antonio Pietrangeli

04 SEXTA-FEIRA

- 15H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
ANTONIO PIETRANGELI, ESSE DESCONHECIDO
FANTASMI A ROMA
de Antonio Pietrangeli
- 19H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA
DES TEUFELS PARADIES
de Vadim Glowna
- 19H30 | **SALA LUÍS DE PINA**
ANTONIO PIETRANGELI, ESSE DESCONHECIDO
ADUA E LE COMPAGNE
de Antonio Pietrangeli
- 21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
ANTONIO PIETRANGELI, ESSE DESCONHECIDO
LA PARMIGIANA
de Antonio Pietrangeli

05 SÁBADO

- 15H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
CINEMATECA JÚNIOR / TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
THE ADVENTURES OF ROBIN HOOD
de Michael Curtiz

- 16H00 | **SALA LUÍS DE PINA**
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA
IL CORSARO
de Franco Giraldi
- 17H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
ANTONIO PIETRANGELI, ESSE DESCONHECIDO
LA VISITA
de Antonio Pietrangeli
- 21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA
HEART OF DARKNESS
de Nicholas Roeg

07 SEGUNDA-FEIRA

- 16H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
THIS IS THE ARMY
de Michael Curtiz
- 19H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
ANTONIO PIETRANGELI, ESSE DESCONHECIDO
IL MAGNIFICO CORNUTO
de Antonio Pietrangeli
- 19H30 | **SALA LUÍS DE PINA**
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA
FACE TO FACE
de John Brahm, Bretagne Windust
- 21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
ANTONIO PIETRANGELI, ESSE DESCONHECIDO
IO LA CONOSCEVO BENE
de Antonio Pietrangeli

08 TERÇA-FEIRA

- 15H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA
THE SECRET AGENT
de Christopher Hampton
- 19H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA
VICTORY
de Mark Peploe
- 19H30 | **SALA LUÍS DE PINA**
ANTONIO PIETRANGELI, ESSE DESCONHECIDO
SOUVENIR D'ITALIE
de Antonio Pietrangeli
- 21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
ANTONIO PIETRANGELI, ESSE DESCONHECIDO
LO SCAPOLO
de Antonio Pietrangeli

09 QUARTA-FEIRA

- 15H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
ANTONIO PIETRANGELI, ESSE DESCONHECIDO
LA PARMIGIANA
de Antonio Pietrangeli
- 19H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA
SWEPT FROM THE SEA
de Beban Kidron
- 19H30 | **SALA LUÍS DE PINA**
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
THIS IS THE ARMY
de Michael Curtiz
- 21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
ANTONIO PIETRANGELI, ESSE DESCONHECIDO
IL SOLE NEGLI OCCHI
de Antonio Pietrangeli

10 QUINTA-FEIRA

- 15H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
MATRIMONIAL BED
de Michael Curtiz
- 19H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA
GABRIELLE
de Patrice Chéreau
- 19H30 | **SALA LUÍS DE PINA**
ANTONIO PIETRANGELI, ESSE DESCONHECIDO
FANTASMI A ROMA
de Antonio Pietrangeli

- 21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
ANTONIO PIETRANGELI, ESSE DESCONHECIDO
LA FATE
de Antonio Pietrangeli, Luciano Salce, Mario Monicelli, Mauro Bolognini

11 SEXTA-FEIRA

- 15H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
ANTONIO PIETRANGELI, ESSE DESCONHECIDO
NATA DI MARZO
de Antonio Pietrangeli
- 19H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA
LA FOLIE ALMAYER
de Chantal Akerman
- 19H30 | **SALA LUÍS DE PINA**
COM A LINHA DE SOMBRA
TRÁS-OS-MONTES
de António Reis, Margarida Cordeiro
- 21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA
HANYUT
de U-Wei Haji Saari

12 SÁBADO

- 15H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
CINEMATECA JÚNIOR / TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
THE SEA HAWK
de Michael Curtiz
- 16H00 | **SALA LUÍS DE PINA**
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA
CON GLI OCCHI DELL'OCCIDENTE
de Vittorio Cottafavi
- 18H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
THE UNSUSPECTED
de Michael Curtiz
- 21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA
SECRET SHARER
de Peter Fudakowski

14 SEGUNDA-FEIRA

- 16H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
ANTONIO PIETRANGELI, ESSE DESCONHECIDO
LA VISITA
de Antonio Pietrangeli
- 18H30 | **SALA LUÍS DE PINA**
HISTÓRIAS DO CINEMA: VITTORIO DE SETA / FEDERICO ROSSIN
IL MONDO PERDUTO (SICÍLIA E CALABRIA)
de Vittorio De Seta
- 19H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA
JEUNESSE
de Julien Samani
- 21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
MATRIMONIAL BED
de Michael Curtiz

15 TERÇA-FEIRA

- 15H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA
NAUFRAGIO
de Jaime Humberto Hermosillo
- 18H30 | **SALA LUÍS DE PINA**
HISTÓRIAS DO CINEMA: VITTORIO DE SETA / FEDERICO ROSSIN
IL MONDO PERDUTO (SARDENHA)
de Vittorio De Seta
- 19H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
FIAKER NR. 13
de Michael Curtiz
- 21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO**
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
UNDER A TEXAS MOON
de Michael Curtiz

16 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ANTONIO PIETRANGELI, ESSE DESCONHECIDO

IL MAGNIFICO CORNUTO de Antonio Pietrangeli

18H30 | SALA LUÍS DE PINA
HISTÓRIAS DO CINEMA: VITTORIO DE SETA / FEDERICO ROSSIN

UN UOMO A METÀ de Vittorio De Seta

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA

DANGEROUS PARADISE de William Wellman

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA

POSTO AVANÇADO DO PROGRESSO de Hugo Vieira da Silva

17 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

NOAH'S ARK de Michael Curtiz

17H00 | SALA LUÍS DE PINA
HISTÓRIAS DO CINEMA: VITTORIO DE SETA / FEDERICO ROSSIN

DIARIO DI UN MAESTRO 1-2 de Vittorio De Seta

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
IN MEMORIAM MARIA JOSÉ BRANCO

MON CAS de Manoel de Oliveira

21H00 | SALA LUÍS DE PINA
HISTÓRIAS DO CINEMA: VITTORIO DE SETA / FEDERICO ROSSIN

DIARIO DI UN MAESTRO 3-4 de Vittorio De Seta

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

RIVER'S END de Michael Curtiz

21 SEGUNDA-FEIRA

16H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

UNDER A TEXAS MOON de Michael Curtiz

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

A MILLION BID de Michael Curtiz

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
IN MEMORIAM MARIA JOSÉ BRANCO

O DELFIM de Fernando Lopes

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

ROUGHLY SPEAKING de Michael Curtiz

22 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

RIVER'S END de Michael Curtiz

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
PORTUGAL 1974 - UM SÍTIO QUE NÃO EXISTE, UM TEMPO QUE VERDADEIRAMENTE EXISTIU

EL MILAGRO DE LA TIERRA MORENA de Santiago Álvarez COMMENT ÇA VA? de Jean-Luc Godard, Anne-Marie Miéville

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
ANTONIO PIETRANGELI, ESSE DESCONHECIDO

IO LA CONOSCEVO BENE de Antonio Pietrangeli

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
50+1

SEMPRE de Luciana Fina

23 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

THE SCARLET HOUR de Michael Curtiz

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

THE ADVENTURES OF ROBIN HOOD de Michael Curtiz

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
PORTUGAL 1974 - UM SÍTIO QUE NÃO EXISTE, UM TEMPO QUE VERDADEIRAMENTE EXISTIU

EM HOMENAGEM A MARIA TERESA HORTA

LES TROIS PORTUGAISES de Delphine Seyrig

ENTREVISTA ÀS 3 MARIAS SARTRE E BEAUVOIR

ENTREVISTA A SIMONE BEAUVOIR de RTP

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
IN MEMORIAM MARIA JOSÉ BRANCO

LES INNOCENTS de André Téchiné

24 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

THE BOY FROM OKLAHOMA de Michael Curtiz

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
PORTUGAL 1974 - UM SÍTIO QUE NÃO EXISTE, UM TEMPO QUE VERDADEIRAMENTE EXISTIU / COM A LINHA DE SOMBRA

O SOL, A CHUVA E O DINHEIRO de Philippe Costantini

TERRA DE ABRIL de Philippe Costantini, Anna Glogowski

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA

THE SECRET AGENT de Christopher Hampton

22H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA

DANGEROUS PARADISE de William Wellman

26 SÁBADO

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
CINEMATECA JÚNIOR / FILMSCHOOL

LÚCIA E CONCEIÇÃO de Fernando Matos Silva / Cinequipa ESTÁTUAS DE PORTUGAL de Ferreira de Castro

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
PORTUGAL 1974 - UM SÍTIO QUE NÃO EXISTE, UM TEMPO QUE VERDADEIRAMENTE EXISTIU

OUTRO PAÍS ENTREVISTA A ROBERT KRAMER de Sérgio Tréfaut

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

THE SCARLET HOUR de Michael Curtiz

22H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
PORTUGAL 1974 - UM SÍTIO QUE NÃO EXISTE, UM TEMPO QUE VERDADEIRAMENTE EXISTIU

SCENES FROM THE CLASS STRUGGLE IN PORTUGAL de Robert Kramer, Philip Spinelli

28 SEGUNDA-FEIRA

16H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

THE UNSUSPECTED de Michael Curtiz

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

DAS SPIELZEUG VON PARIS de Michael Curtiz

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
PORTUGAL 1974 - UM SÍTIO QUE NÃO EXISTE, UM TEMPO QUE VERDADEIRAMENTE EXISTIU

FIGHTING FOR WORKERS' POWER ON THE SIDE OF THE PEOPLE de Newsreel Collective

FATIMA PORTUGAL À GENOUX de Bernard Bloch, Josette Lassaque, Manuela Barros

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

NOAH'S ARK de Michael Curtiz

29 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

ROUGHLY SPEAKING de Michael Curtiz

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
PORTUGAL 1974 - UM SÍTIO QUE NÃO EXISTE, UM TEMPO QUE VERDADEIRAMENTE EXISTIU

SETUBAL VILLE ROUGE de Danile Edinger

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

THE BOY FROM OKLAHOMA de Michael Curtiz

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
PORTUGAL 1974 - UM SÍTIO QUE NÃO EXISTE, UM TEMPO QUE VERDADEIRAMENTE EXISTIU

TARSET MA BUKYA P / "PROCUREM EM P" de Hristo Ganev

30 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA LUÍS DE PINA
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

THE SEA HAWK de Michael Curtiz

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA

JEUNESSE de Julien Samani

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
PORTUGAL 1974 - UM SÍTIO QUE NÃO EXISTE, UM TEMPO QUE VERDADEIRAMENTE EXISTIU

EL MILAGRO DE LA TIERRA MORENA de Santiago Álvarez COMMENT ÇA VA? de Jean-Luc Godard, Anne-Marie Miéville

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
PORTUGAL 1974 - UM SÍTIO QUE NÃO EXISTE, UM TEMPO QUE VERDADEIRAMENTE EXISTIU

GESTOS & FRAGMENTOS: ENSAIO SOBRE OS MILITARES E O PODER de Alberto Seixas Santos



Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, I.P.
Rua Barata Salgueiro, 39 – 1269–059 Lisboa, Portugal
Tel. 213 596 200 | cinemateca@cinemateca.pt
www.cinemateca.pt

PROGRAMA SUJEITO A ALTERAÇÕES

Preço dos bilhetes - 3,20 €
Estudantes/Cartão jovem, Reformados e Pensionistas > 65 anos - 2,15 €
Amigos da Cinemateca/Estudantes de Cinema - 1,35 €
Amigos da Cinemateca / marcação de bilhetes: tel. 213 596 262
Horário da bilheteira: 14h30-15h30 e das 17h30-22h00 | Sábados 14h00-21h30
Informação diária sobre a programação em www.cinemateca.pt
Classificação Geral dos Espetáculos: IGAC
Rua Barata Salgueiro, 39 - 1269-059 Lisboa | www.cinemateca.pt

BIBLIOTECA

Segunda-feira/Sexta-feira, 14h00 - 19h30

ESPAÇO 39 DEGRAUS

Livraria LINHA DE SOMBRA | Segunda-feira/Sábado, 14h00 - 22h00 (213 540 021)
Restaurante-Bar, Segunda-feira/Sábado, 12h00 - 01h00
Transportes: Metro: Marquês de Pombal, Avenida
Bus: 736, 744, 709, 711, 732, 745
Disponível estacionamento para bicicletas

VENDA DE BILHETES

BILHETEIRA LOCAL (ed. Sede – Rua Barata Salgueiro, nº 39)
Segunda a Sexta-feira, 14h30-15h30 e das 17h30-22h | Sábados 14h-21h30

BILHETEIRA ON-LINE www.cinemateca.bol.pt

MODOS DE PAGAMENTO DISPONÍVEIS: Multibanco (*) – MB Way – Cartão de Crédito – Paypal (**)
(*) O pagamento através de Referência Multibanco tem um custo adicional de 0,50€ para montantes inferiores a 10,00 €
(**) O pagamento através de Paypal tem um custo adicional de 0,40€ para montantes inferiores a 30,00€

A aquisição de bilhetes em www.cinemateca.bol.pt e nos pontos de venda aderentes tem custos de operação associados no valor de 6%, acrescidos de IVA, sobre o valor total da compra.

MAIS INFORMAÇÕES: <https://www.bol.pt/Ajuda/CondicoesGerais>

PONTOS DE VENDA ADERENTES (consultar lista em <https://www.bol.pt/Projecto/PontosVenda>)